

EDUCAÇÃO NACIONAL

EDUCAÇÃO — ENSINO — ADMINISTRAÇÃO — BIBLIOGRAFIA

SUMARIO:

I. PAUL DOUMER: — A coragem feminina.....	155
II. ANTONIO SALLES: — Burocratas.....	161
III. M. SAID ALI: — O pronome "se".....	167
IV. JOSE VERISSIMO: — O ensino de historia na Escola Normal.....	188
V. F. (adjunta de 1ª classe): — A experiencia de uma estagiaria.....	193
VI. LIBERATO BITTENCOURT: — A questão da educação militar. II. Cursos preparatorios.....	199
VII. Preservação da criança contra a tuberculose.....	207
VIII. JOAO RIBEIRO: — A simplificação da ortografia (continuação).....	212

ECOS E NOTICIAS

Bachareis em commercio, 218; O culto dos antigos no Japão, 218; O sistema metrico na Inglaterra, 219; Os estudantes estrangeiros nas Universidades alemans, 220; Os docentes privados na Austria, 220; As escolas na floresta, 221; Educação popular em Oxford, 222; A instrução obrigatoria na Italia, 223.

ATOS E DOCUMENTOS OFICIAIS

Nomeações, 227; Exonerações, 228; Licenças, 229; Acrecimo de vencimentos, 229; Equiparações no Ginasio Nacional, 230; Exames de preparatorios, 231.

ACADEMIAS E SOCIEDADES CIENTIFICAS

Academia Brasileira de Letras: Reforma da ortografia, 233.

JORNAL DA INFANCIA

O Contador de historias, 238; Poezias para recitar, 245.

NECROLOGIA

O professor J. Catunda, 247.

BIBLIOGRAFIA

Desenho geometrico e linear, pelo Dr. Mello e Cunha, 248; Livros Escolares do Dr. Mario Bulcão, 250; Principes généraux d'organisation des armées, pelo Capitão Liberato Bittencourt, 250; Simples Contes des Collines, de Rudyard Kipling, 251; Le Prêtre et l'Acolyte de Oscar Wilde, 251; Ces Dames du Régiment, por Madol, 252; Poèmes, de Oscar Wilde, 252.

PRINCIPAIS ARTIGOS DAS REVISTAS ESTRANJEIRAS

Revue Pédagogique, Revue Universitaire, Revue Internationale de l'Enseignement, Revue Générale des Sciences, 253.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

131, RUA DO OUVIDOR, 131 — RIO DE JANEIRO

A "EDUCAÇÃO NACIONAL" APARECE MENSALMENTE. ANO 10\$000. SEMESTRE 10\$000

EDUCAÇÃO NACIONAL

REVISTA MENSAL

Diretor: — PAULO TAVARES

COLABORADORES:

*Adrien Delpech—Affonso Celso—Agapito dos Santos—Agenor de Roure—
Alberto de Oliveira—Alcindo Guanabara—Alfredo Alexander—Almeida Fagundes—
Almeida Lisboa—Antonio Salles—Araripe Junior—Arthur Azevedo—Augusto de
Lima—Augusto Meschick—Azevedo Lima—Azevedo Sodré—Belmiro Braga—Caldas
Vianna—Candido Jucá—Candido Rosa—Carlos de Laet—Clovis Bevilacqua—Coelho
Netto—Constancio Alves—Costa Senna—Curvello de Mendonça—Dunshoe de
Abranches—Escragnolle Doria—Esmeraldino Bandeira—Estevam de Oliveira—
Eugenio Gabaglia—Fabio Luz—Floriano de Brito—Fortunato Duarte—F. Cabrera
—Gastão Ruch—Gentil Feijó—Graça Aranha—Guilhermina Barradas—Hans
Heilborn—João A. Coqueiro—João Ribeiro—Jorge Pinto—José Accioli—José de
Barcellos—José Bonifacio—José Rangel—José Verissimo—Julio R. Gabaglia—Leão
Velloso Filho—Leoncio Corrêa—Liberato Bittencourt—Lima Drummond—Lindolpho
Gomes—Lucio de Mendonça—Luiz Peçanha—Machado de Assis—M. Said Ali—
Manoel Bomfim—Mario Bulcão—Marcio Nery—Mario Barreto—Mario de
Alencar—Medeiros e Albuquerque—Nestor Victor—Nuno de Andrade—Olavo
Bilac—Ortiz Monteiro—Oscar Thompson—Paranhos da Silva—Passos de Miranda
—Paula Lopes—Pedro do Couto—Pedro Ivo—Pinheiro Guimarães—Raymundo
Corrêa—Rocha Pombo—Rodrigues Barboza—Roberto Gomes—Rodolpho Theophilo
—Rubem Tavares—Sylvio Romero—Souza Bandeira—Tasso Fragoso—Teixeira
Brandão—Teixeira de Souza—Thomaz Pompeu—Virgilo Damasio—etc. etc.*

Todas as comunicações relativas á Redação e á Administração devem ser
dirijidas ao Snr. Paulo Tavares, rua do Ouvidor, 134—Livraria Alves.

A direção não é solidaria com as opiniões emitidas nos artigos publicados.

Educação Nacional

PAUL DOUMER

Com a ativa e intelijente divulgação que, de algum tempo para cá, se tem feito das coizas do nosso paiz, vai cada dia ruindo a muralha chinesa que o cercava e tornando-o praticavel á curiozidade e ao interesse do estrangeiro.

O conhecimento do Brazil não se restringe hoje, como antigamente, aos nossos credores e aos vendedores de produtos industriais.

Diversas circumstancias e acontecimentos felizes puzeram nosso paiz em fóco, revelando-o sob um aspeto novo e simpatico aos olhos do estrangeiro.

Devemos ao Sr. Henry Turot, Conselheiro Municipal de Pariz, o benemerito serviço de haver, apóz a sua vizita, ter-se constituido um propagandista calorozo e proficuo das coizas do nosso paiz, até então tão pouco e desfavoravelmente conhecido em França, a despeito das antigas relações comerciais e intellectuais que nutrimos com ella.

Ao Sr. Henry Turot devemos a presença no Rio de Janeiro do Sr. Paul Doumer, um dos vultos mais salientes da politica franceza neste momento.

Homem de ação e de inteliçencia, o Sr. Paul Doumer tem feito uma rapida e brilhante acenção, a golpes de talento e força de vontade.

Começando a sua carreira como modesto professor, enveredou pelo jornalismo e pela politica, e tem sido sucessivamente chefe de Gabinete do Presidente da Camara, Deputado, Governador Geral da Indo-China e Presidente da Camara dos Deputados. Nessa qualidade, foi o mais sério dos concurrentes de Fallières á presidencia da Republica, tendo tido grandes probabilidades de uma vitoria que tudo faz crer que ainda ganhará um dia...

Compreendendo a necessidade que tem a França de recuperar o terreno perdido na luta comercial com a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos, e pondo-se ao par das condições do Brazil, mais que nenhum outro paiz da America propicio ao desenvolvimento do comercio francez, o Sr. Paul Doumer veio estudar-nos de perto, iniciando assim uma nova escola de atividade para os estadistas francezes a cujo proverbial bairrismo deve a França a decadencia do seu comercio externo, outrora tão prospero e rendozo.

Esta iniciativa do Sr. Paul Doumer dá uma cópia exata da sua largueza de vistas, das qualidades de enerjia, de alta inteliçencia e perspicacia politica que formam o seu carater de homem superior, fadado para os mais altos papeis nos destinos de sua patria, onde goza de geral confiança e estima.

A *Educação Nacional* desvanece-se tanto mais em saudal-o quando vê em nosso illustre hospede um espirito nutrido de vasta cultura filozofica e literaria, interessado pelas questões sociais e de educação, de que é documento o seu *Livre de mes fils*, verdadeiro manual de educação moral e civica.

Conferencista elegante e aplaudido, o Sr. Paul Doumer tem, como tal, obtido grandes triumphos, como succedeu ultimamente quando, na Universidade Feminina fundada pela revista *Les Annales Politiques et Littéraires*, realizou uma notavel conferencia tendo por tema— *A corajem feminina*.

A *Educação Nacional* saúda cordialmente ao illustre embaixador do pensamento francez.

Oferecemos a seguir um ligeiro rezumo da conferencia que o Sr. Doumer realizou na Universidade Feminina, em Pariz, sobre a *Corajem Feminina*.

O orador começa confessando a sua timidez diante de um publico tão novo para elle, acostumado, como está, a falar diante de homens.

Louva a iniciativa da Sra. Yvonne Sarcéy fundando essa instituição, em que não se trata de formar uma mulher *modern style*, que seria uma falsificação do homem. O que é preciso pedir ás jovens mulheres é que ellas se preparem para desempenhar seus futuros deveres de esposas, de mãis, de boas francezas. Mas como a vida moderna é mais complexa que a de outrora, faz-se mister dar-lhe uma educação mais forte e uma cultura mais vasta. Cultura não quer dizer, porem, ciencia livresca. Fazer pensar é ainda melhor que instruir.

O orador divide o seu tema em diversas partes.

1.º *Identidade fundamental de todas as formas da corajem*.—O Sr. Doumer protesta contra as distincões que se façam entre as diversas formas da corajem: esta é uma só, quer seja militar, patriotica, civil ou a corajem quotidiana, modesta, familiar. Em verdade, só

Conferencista elegante e aplaudido, o Sr. Paul Doumer tem, como tal, obtido grandes triunfos, como succedeu ultimamente quando, na Universidade Feminina fundada pela revista *Les Annales Politiques et Littéraires*, realizou uma notavel conferencia tendo por tema— *A corajem feminina*.

A *Educação Nacional* saúda cordialmente ao illustre embaixador do pensamento francez.

Oferecemos a seguir um ligeiro rezumo da conferencia que o Sr. Doumer realizou na Universidade Feminina, em Pariz, sobre a *Corajem Feminina*.

O orador começa confessando a sua timidez diante de um publico tão novo para elle, acostumado, como está, a falar diante de homens.

Louva a iniciativa da Sra. Yvonne Sarcy fundando essa instituição, em que não se trata de formar uma mulher *modern style*, que seria uma falsificação do homem. O que é preciso pedir ás jovens mulheres é que ellas se preparem para desempenhar seus futuros deveres de esposas, de mãis, de boas francezas. Mas como a vida moderna é mais complexa que a de outrora, faz-se mister dar-lhe uma educação mais forte e uma cultura mais vasta. Cultura não quer dizer, porem, ciencia livresca. Fazer pensar é ainda melhor que instruir.

O orador divide o seu tema em diversas partes.

1.º *Identidade fundamental de todas as formas da corajem*.—O Sr. Doumer protesta contra as distincões que se façam entre as diversas formas da corajem: esta é uma só, quer seja militar, patriotica, civil ou a corajem quotidiana, modesta, familiar. Em verdade, só

ha uma coragem, sempre identica a si mesma, e que é a enerjia moral, a força de animo, pura e simplesmente.

2.º *Todas as corajens se combinam e se mantem reciprocamente.*— Isso é verdade no individuo como nos povos. O homem corajozo tem coragem em tudo e para tudo. O homem que pratica a coragem quotidiana, modestamente e sem barulho, que cumpre simples e bravamente sua tarefa diaria, exercita-se, concientemente ou não, para a grande coragem. O bom operario, paciente e laborioso, será um cidadão e um soldado corajozo. Si uma dessas formas perder os seus foros numa nação, toda a sua enerjia está em perigo.

3.º *A coragem feminina é igual á coragem masculina. Utilidade social e nacional da primeira.*— A coragem feminina não pode ser posta em segundo plano, nem colocada acima da masculina, pois que a coragem é sempre identica a si mesma.

A coragem feminina tem, para a sociedade e para a nação, a mesma importancia que a masculina, pois que todas as coragens contribuem para a enerjia total do corpo social e para a grandeza do paiz. As futuras mulheres francezas devem ser mulheres corajozas. Graças a ellas, si forem bem preparadas para a sua missão, graves perigos que ameaçam a França poderão ser conjurados.

4.º *Em que consiste ao certo a coragem feminina? Em que dominio se exercera e como?*— A natureza determinou o campo da vida feminina e o papel da mulher. E' dentro desses dominios que a coragem feminina deverá se desenvolver.

O lugar natural da mulher é o lar. A mulher se prende a elle como *dona de casa* como *esposa*, como *mãe*, como *nutridora* e *educadora* de seus filhos.

Que ella desempenhe *corajosamente* todos esses papeis de que a natureza a investe, e será a mulher

completa, trabalhando de maneira diferente, mas tão eficazmente como o homem, para a grandeza da patria.

A *dona de caza corajosa* é a que se não poupa a fadigas para trazer sua caza em boa ordem e proporcionar conforto aos que a cercam. Ella saberá, sendo precizo, renunciar a um passeio agradavel, a uma festa, ás mil satisfações da galanteria e do amor proprio.

A *espoza corajosa* é a companheira dedicada, em quem o marido encontra a cada instante o afeto fiel, seguro e reconfortante. Ella se esforça em comprehend-o, em ser para elle uma associada no sentido mais amplo da palavra.

O homem será forte para as tristezas e para as provações si possuir uma mulher corajosa, leal, compenetrada do dever. E si ella o acompanhar nos perigos, melhor ainda.

A *mãe corajosa*, é bom dizel-o o que seja num meio onde ha muitas mulheres que temem a maternidade. Essas disfarçam o egoismo, unica cauza de sua conduta, sob pretextos de saúde e de obrigações sociais.

A verdade é que sofrem do mal que ameaça destruir a sociedade franceza si não for remediado em tempo—a cobardia.

Afonso Daudet fala, num de seus livros, «do medo da maternidade, do terror que domina a joven espoza dos tempos modernos.»

O homem admiravel que dirige os destinos dos Estados Unidos indignou-se com essas palavras, ou antes contra o lamentavel estado moral que ellas revelariam, si fossem verdadeiras.

«Quando tais palavras, disse o Sr. Roosevelt, podem ser veridicamente escritas sobre uma nação, essa nação está podre até o fundo do coração. Quando os homens temem o trabalho ou a guerra justa, quando as mulheres temem a maternidade, tremem á borda da maldição, e bem fariam si se sumissem da superficie

da terra onde se tornam justo objeto de desprezo para todos os homens e para todas as mulheres fortes, abnegadas e de alma nobre».

As mãis francezas, disse o orador, não quererão que tal linguagem vote seu paiz ao desprezo do universo. Quem recebeu a vida deve dal-a por sua vez.

A população da França ficou quasi estacionaria desde 1870, quando a da Alemanha aumentou de vinte milhões.

A *mãi corajosa* tem o dever essencial de amamentar os filhos. E' uma lei da natureza que a pode privar de muitos prazeres, mas para isso é que precisa ter *coragem*.

Enfim, a *mãi corajosa* será a que se consagrando á educação moral de seus filhos, se esforça por desenvolver nelles todas as formas de energia moral, lhes faz amar o dever, gravando o patriotismo em seus corações. Não é do papel da mulher armar-se para a defesa do seu paiz. O exemplo de Joanna d'Arc é uma exceção gloriosa, mas uma exceção.

As mulheres somente devem exigir, como mãis, como espozas, como irmans ou como noivas que os soldados de seu paiz se batam heroicamente no dia do perigo.

BUROCRATAS

Do ponto de vista do publico, o burocrata é um sujeito que tem um ordenado certo e gordo, que tem direito á aposentadoria e ao montepio e... não faz coiza alguma.

Do seu ponto de vista, o burocrata se considera um homem que trabalha muito, ganha pouco, sofrendo da má vontade do publico em geral e dos ministros em particular, tendo em geral, pouca sorte e muitos filhos.

Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

Para nós o tipo médio do funcionario publico brasileiro é um sujeito probo, cumpridor dos seus deveres, amigo do seu officio e geralmente mal remunerado.

A fama da malandrice e de impertinencia que peza sobre o funcionalismo, é uma lenda que se formou sobre as excêções inevitaveis em todas as coletividades para as quais não se passa por uma peneira impecavel que separe o joio do trigo.

Aliáz essa lenda é universal, e nem é mesmo uma lenda na China, por exemplo, onde dizem que a burocracia é a mais inutil, complicada e corrompida do mundo.

Dos paizes europeus, parece que aquelle sobre cuja burocracia pezam mais acuzações é a França, onde a literatura deu ao burocrata o nome expressivo de *rond-de-cuir* e fez delle uma figura répresentativa da nossa democracia politigueira, terrivelmente administrativa e universitaria.

Ha em França toda uma literatura em que o tipo convencional e mediamente exato do *rond-de-cuir* apparece reflectindo um aspecto da sociedade politica moderna, assoberbada e denominada pelos representantes das carreiras liberais.

Creemos que, como na China, não é de todo imerecido o mal que dizem da burocracia em França, e o actual ministerio Clemenceau teve ocazião de tirar isso a limpo, fazendo alguns ministros vizitas inesperadas a repartições onde ocorreram incidentes comicos: numa só appareciam os continuos; noutra verificava-se que um chefe entrevado, dirijia ha anos a repartição de seu leito de dores; noutra o ministro, incognito, era recebido com quatro pedras na mão; noutra o ministro surpreendia um empregado a dormir e a roncar sonoramente sobre a meza.

Em nosso paiz reina, como em nenhum outro, a *empregomania*.

O fato tem duas explicações que se completam ou antes uma explicação que se bazeia sobre duas causas: —a plethora de concurrentes ás carreiras liberais e a nossa negação para as occupações industriais.

O ideal de um pai brasileiro, seja elle criador ou comerciante, lavrador ou burocrata, é ter um filho formado, formado em qualquer coiza para a qual não tenha aptidão embora, comtanto que ponha um *Dr.* antes do nome.

Um rapaz que denota vocação para as artes, acaba advogado; um que daria um bom agricultor, será medico; um que dezejaria ser industrial, entra para o exercito ou para a marinha.

O que vai por aí de vocações torcidas! E quanta gente, não tendo vocação para coiza alguma, matricula-se na primeira faculdade que lhe fica á mão, para engrossar a onda dos proletarios intellectuais!

A consequencia é que a grande sobra dos que já não acham espaço para ganhar a vida com a sua carta, atiram-se aos empregos, fazendo uma concorrência desleal aos mais humildes, que naceem já destinados ao jugo da burocracia.

Filho de burocrata dá, por via de regra, burocrata. Começa em pequeno a vizitar o pai na repartição, a procurar-o no desempenho de qualquer incumbencia domestica, respira o ambiente das Secretarias, habitua-se á vizão do pai á meza, enegrecendo papel e... é um homem perdido para qualquer outro genero de vida.

Ha em nossa historia administrativa verdadeiras dinastias de burocratas, familias cujos rebentos adquirem ao mesmo tempo o buço e a aprovação no concurso de primeira entrancia. Mancebos ha que se sentam á meza do orçamento no mesmo logar em que se sentava o seu bisavô.

A facilidade relativa do officio, as garantias de aposentadoria, do montepio e da vitaliciedade, a perspectiva de uma renda modica mas segura, atrai para a burocracia a nossa inercia fundamental, a nossa falta de animo para ganhar o pão em luta franca e corajosa com as dificuldades da vida.

Pessoas ha, que tendo excelentes elementos para viver independentes, os abandonam para inscrever-se nas folhas de pagamento.

Este cazo é autentico : um individuo que possuia num Estado do Norte duas boas propriedades agricolas, arrendou-as por dez reis de mel coado e veio ao Rio de Janeiro, munido de bons empenhos, disputar um logar de comissario de policia !

Sabemos de um abastado industrial agricola cujos quatro filhos seguiram todos as carreiras liberais. Inutilizando-se o pai por uma molestia, ficou a sua vasta propriedade entregue a um feitor, á falta de quem o

substituisse no posto onde tinha conquistado sua fortuna.

E essa gente vem disputar os logares aos filhos da pequena burguezia letrada das cidades, da gente que morre sem deixar sequer com que compre os sete palmos de terra de sua sepultura.

Ao menos esses, que não precisam trabalhar para comer nem vestir, deviam esperar que o officio lhes trouxesse os proventos dezechados, deixando os empregos publicos para os que não teem pai alcaide e são forçados a hipotecar ao governo a sua atividade, a sua intelligencia e, quazi sem exceção toda a sua vida, transformando-se num dente... não para devorar o orçamento, como muita gente pensa, mas num dente obscuro e passivo da engrenagem administrativa, a grande devoradora de cerebros e braços, que, graças á nossa dezastrada educação moral e á nossa erronea e criminosa organização economica, fojem todos á atividade industrial para se anquilozarem na leitura e no manejo do papelorio das secretarias.

A vida rural é um degredo a que todos fojem com verdadeiro horror, atraídos pelo conforto, pelas diversões e pela sociabilidade das capitais.

Nós nos criamos na ignorancia completa da natureza, e essa ignorancia, alimentada pelo engodo das frivolidades urbanas, transforma-se pouco a pouco em irreductivel hostilidade.

Ha infinitas pessoas (e as mulheres entram nisto com um grande continjente) que teem a idiozincrazia do verde, que não toleram outro espetaculo que o das duas filas de cazaria, com os seus postes de iluminação, os seus trilhos de bondes, o seu tranzito, o seu rumor, a sua poeira e os seus mexericos.

A *roça* é o pezadelo de nossa pequena burguezia letrada e de camiza lavada. A *roça* é uma palavra deprimente e ridicula com que o pedantismo e a fofice

urbana se refere aos campos onde se elaboram as riquezas de que os moradores das cidades são os desfrutadores parазitarios.

O Rio de Janeiro está cheio de honrados patricios que vieram dos seus lonjinhos Estados, vendendo ou abandonando as suas propriedades, para, sob pretexto de educar os filhos, *cavarem* um emprego que lhes permita andar de cartola, palestrar todos os dias duas horas na rua do Ouvidor, ter uma caça bem posta e fazer emfim sua figura na sociedade.

E desses cavalheiros transplantados brotam invariavelmente burocratas mais ou menos doutores e que prefeririam atirar-se debaixo de um bonde elétrico a ir exercer o mister por onde seu projenitor começou a vida.

Ha uma frase consagrada para justificar essas transplantações: todo o provinciano emigrado para o Rio diz que veio á procura de—um campo mais vasto para sua atividade. De fato, o que nós vimos buscar é um campo mais vasto para caçar emprego, armado dos *pistoles* fabricados nas mirificas oficinas do Empenho.

Campos vastos deixam elles após si, campos de solo uberrimo, forrado de tesouros, dotados de inexauriveis recursos, desses famosos e proclamados recursos de nosso paiz, que até hoje tem apenas servido para ornamento das mensajens officiais e das orações patrioticas.

Uma coiza que caracteriza as nossas tendencias para o abandono das profissões industriais é o fato de nas duas faculdades superiores da capital do paiz—a Politecnica e a de Medicina—não existirem cursos de agronomia e de veterinaria. Um rebento de nossa burguezia abastada julgar-se-ia humilhado si o puzessem a estudar para cultivar a terra e tratar de animais.

A denominação de paiz essencialmente agricola dada ao nosso paiz, por descabida, tornou-se uma alcunha ridicula, muito ao sabor dos que pensam e dizem que—mato só se fez para bichos.

Toda essa gente, que aprende simplesmente a ler ou que cursa as escolas secundarias e superiores é obrigada, pois, contrariando muitas vezes as mais felizes disposições para a atividade fecunda e benemerita da vida industrial, a procurar nas carreiras liberais, mormente na burocracia, a sua subzistencia.

Fiquemos certos de que no dia em que se começar seriamente a aproveitação dos nossos tesouros, haverá menos concurrentes aos favores desse outro Tesouro onde se acumulam as gotas amargas do suor do contribuinte, do roceiro obscuro e anonimo pelo qual nós temos o desprezo que se tem por uma minhoca enterrada no solo abandonado e inculto.

Terra de burocratas e terra de pobretões são duas expressões sinonimas.

ANTONIO SALLES.

O pronome "se"

Eis um problema interessante cuja explicação por longo tempo se andou buscando em um historico não menos problematico. Suspeitou-se que o passivo latino bem podia ter-se orijinado da fórma ativa acrescentada do pronome reflexivo *se* para todas as pessoas menos a 2^a. do plural. O rotacismo, a queda da vogal *e*, a inserção de uma vogal de ligação em uns cazos e outras pequenas modificações, a que não se opunham as leis foneticas, teriam concluido a obra. De *amo+se* viria *amor*, de *amat+se* *amatur*.

Suspeitou-se e acreditou-se, como tem sucedido a tanta explicação enjenhoza por apurara. Estudos mais acurados começaram porém por mostrar que o italo-celtico, rebelde ao rotacismo, possui entretanto o passivo em *-r*. A bela hipoteze tornou-se insustentavel e hoje não consegue reabilitar-a a moderna linguistica, com os seus processos inegavelmente mais rigorozos.

Como quer que seja, secou a arvore, mas ficou o fruto. Por natural associação de ideias, o imaginario *se* do apassivamento latino deu logar a acharem solidamente fundada a crença no apassivamento atribuido ao nosso pronome *se* em *aluga-se*, *fala-se* etc., considerando-se passivo tanto a forma, como o sentido. Mas qual a conexão historica entre os dois fenomenos, latino e portuguez? Qual a ponte que ia unir fatos tão semelhantes á primeira vista,

mas sucitados em esferas tão apartadas? Nos processos ordinarios da pesquisa scientifica não se encontrou resposta; recorreu-se á mais arrojada das explicações, imaginou-se com o atavismo poder rezolver a dificuldade.

Mas será este conceito biologico applicavel á historia das palavras? E' licito duvidar. Herda-se a aptidão para falar; a linguaagem, porem, é um trabalho de aquizição para todo individuo da especie humana, que nasce mudo e assim ficaria sinão tivesse o ouvido para aprender. O cerebro não traz a minima reminiscencia linguistica que possa aparecer espontaneamente mais tarde.

O nosso cazo, alem disso, nada tem que ver com o atavismo. A fórma reflexiva perifrastica, ou medial perifrastico, não surdiu nem em dialeto algum romanico, nem no latim popular. Da comparação do sanscrito e grego, como nos ensina Brugmann, se infere que já era comum no indogermanico quando ainda estava em voga o medial sintetico. No grego e no sanscrito empregam-se o reflexivo perifrastico e o medial um ao lado do outro, ou seja para estabelecer um contraste, ou para tornar mais claro o sentido. No italico e no celtico o medial orijinario funde-se, em grande parte com o *-r* dos depoentes, mas em parte tambem cede o logar ao reflexivo perifrastico, como em *dedecore se abstinebat, gloriam sibi peperit*. No latim, esta linguaagem muitas vezes difficilmente se distingue do depoente, como em *immisecimus nos rei e immisecimur, castris se effundunt e effunduntur, relaxat se e relaxatur*.

O que houve portanto foi simplesmente isto: ao lado do medial sintetico existiu desde tempos imemoriais o medial analitico, e este, lonje de extinguir-se, perdurou sem solução de continuidade, atravessando o latim para vir ter ás linguas romanicas. Coube-lhe a principio um papel limitado; mas, sobrevivendo por fim ao medial sintetico,

que seguira o destino de outras formas analogas no periodo da formação das linguas neo-latinas, absorveu necessariamente as funções primarias da forma rival e desenvolveu-se em breve á custa della. Era a lei das compensações que se verificava.

Sabe-se que á fôrma verbal latina em — *r* quadra a denominação de voz medio-passiva não sómente pela historia de sua formação (*), mas ainda por ser o — *r* comum a verbos depoentes e aos de sentido passivo. Pois bem; esta dupla função desdobrou-se nas linguas romanicas: de um lado, pelo uzo do verbo seguido do pronome reflexivo; do outro, pelo verbo *ser* mais participio do preterito.

Não temos de tratar aqui do segundo cazo, importanos apenas discriminar os sentidos diferentes que, á semelhança do medial sintetico de outrora, indica o nosso verbo conjugado com o reflexivo ou medial analitico. Consideremos o pronome *se* nestes exemplos: *Pedro matou-se* (sentido reflexivo); *elles odeiam-se* (ação reciproca); *o homem foi-se* (significação mais enerjica do que em *elle foi*); e, finalmente, *anda-se, compra-se, vai-se*, (formulas destinadas a calar o nome do ajente).

Distingue o gramatico em geral o primeiro desses sentidos sómente por ver o pronome reflexo junto a um verbo tranzitivo sem lhe alterar a significação. Elle adquire a noção de reflexividade indiretamente, comparando, isto é, lembrando-se que tanto poderia ser objeto o pronome *se*, como um pronome pessoal, *o, a, os, as*, etc. Não assim o psicologo, que muitas vezes terá de diverjir do gramatico. Em *aflijir-se, aborrecer-se, excitar-se* e tantos outros não concebemos a pessoa como ajindo ou praticando tal ou tal ato

(*) Brugmann, Grundriss Vol. II, 2. Delbrück na mesma obra (Vol. IV. 2, pags. 415 e 433) mostra que a voz média é mais antiga do que a voz passiva, e já no indo-germanico era ella uzada ao lado do ativo.

sobre si; o que aí se enuncia é um *estado* da alma, um afeto, um sentimento, do mesmo modo que nos verbos *ufanar-se*, *arrepender-se*, *admirar-se*, etc.

Fôrmas como *erguer-se*, *mostrar-se*, *inclinarse* naceram sem duvida do contraste com os competentes ativos transitivos; mas nem por isso a mente os decompõe e bem positivos; demos substituí-los por verbos intransitivos, como *surjir*, *aparecer*, *pende*, e outros. A's vezes a mera supressão do pronome é o bastante para dar ao verbo o perfeito carater intransitivo: *o barco afundou-se* ou *afundou*; *a baía vai alargando* ou *alarga-se para o interior*; *ajoelhei-me* ou *ajoelhei diante delle*.

Não raro o reflexivo tem de ser considerado como objeto indirecto (dativo de interesse): *elle arroga-se o direito de punir*; *deu-se pressa em responder*; *propoz-se descobrir o caminho*; *seguirei o sistema que a principio me propuz*. Também encontramos o rejimen indirecto neste exemplo camoneano: *empreza onde o rosto e narizes se cortava* (i. e. a si cortava) Lus. III, 41. (Confronte-se o francez *je me lave la figure, vous vous coupez le doigt*.)

Em certos verbos, principalmente alguns intransitivos, o pronome reflexo não faz outra coisa sinão mostrar que o sujeito participa intensamente da ação. *Elle riu-se* é mais do que *elle riu*; e no pensamento *foram-se para a céu* nota-se um matiz que já não aparece em *elles foram para o céu*.

A differença, sem duvida, nem sempre é percebida; acreditaremos que existiu outrora, obliterando-se da consciencia com o correr do tempo. E' seguramente por nos parecer *atualmente* superfluo que o pronome reflexivo tem desaparecido em inumeros verbos dantes uzados como pronominais.

Estamos habituados a concentrar a atenção só para as formas sintéticas, como si os demais fatos fossem de pouca monta. Compreende-se: a gramática, nascida dos estudos clássicos, trata-as como filhas diletas; para] as formas analíticas olha com a indiferença de madrasta. Que maravilha, pois, que ella se limite a despachar laconicamente como pronominaes essa multidão de verbos que, á luz projetada pela semantica, revelam aptidões variadas e interessantes? Mas as linguas modernas com as suas formas perifrasticas não menos nos ensinam aquillo que só nos estudos clássicos se costuma aprender quanto aos diversos uzos da forma media: medial-reflexivo direto, medial-reflexivo indireto e medial'dinamico. Nem faltam, nos idiomas modernos, verbos que correspondam aos velhos depoentes. Confrontem-se v. g. *queixar-se*, *irar-se* com *πέμφομαι* *μζίνομαι* e *queror*, *irascor*.

Cazes se apontarão em que o sentido parece não estar muito afastado da significação passiva. Perfeitamente: cazos tambem ha em que o sentido da forma media se avizinha extraordinariamente do extremo oposto e por tal forma, ás vezes, que não se distingue da acepção ativa. Coiza natural em um terreno neutro que medeia entre territorios antagonicos. O gramatico porém, quando lhe surjam duvidas no dominio da semantica, encontrará na forma dos verbos a linha demarcadora. Forma com o pronome *se*, é coiza diferente de forma passiva. A ideia do apassivamento por meio desse pronome é, alem disso, uma interpretação contra a qual protesta a pratica de todos os dias: as duas formas não se substituem mutuamente a bel-prazer. Hipoteze sem valor morfológico, não pode figurar como postulado. Semanticamente, admite-a quem se deixa facinar pela nebulozidade da especulação metafizica ou quem ao estudo strictamente cien-

tifico prefere a estrada batida da indolencia intelectual. Como se devem analizar estas orações de portuguez castiço : *compra-se o palacio, morre-se de fome*? De certo não posso admitir como sujeito da primeira fraze o *palacio*, quando na segunda brigaria com a gramatica o sujeito *de fome*, forçando-me a uma serie de subterfujios. A incongruencia seria flagrante.

Si fizermos abstração da gramatica e, procedendo unicamente á analize psicologica, considerarmos que os termos psicologicos nada teem que ver com as formas gramaticais (*) dos vocabulos, nem com o seu passado, mas sim com as ideias que as palavras atualmente simbolizam, parece impor-se a candidatura do pronome *se* ao logar de sujeito.

Objetaremos que elle não está no principio da oração: a defeza será que a sua condição de vocabulo atono, enclitico, difficilmente lho permitiria. O gramatico ferrenho, não já o psicologo, votará contra, alegando que um caso obliquo não está habilitado para tão importante papel: responder-se-á que as linguas neolatinas perderam o sentimento de muitos cazos obliquos, conferindo-lhe ulteriormente as honras de nominativos; que o francez diz *c'est moi* e não *c'est je*; que o italiano emprega *lei* como sujeito, etc. E sempre de novo emerje, de entre as duvidas, esta verdade incontestavel : em *compra-se o palacio*, e *morre-se de fome*, o pronome *se* sujere, na consciencia de todo mundo, a ideia de alguém que compra, que morre, mas que não conhecemos ou não queremos nomear. **)

(*) H. Paul, *Principien der Sprachgeschichte* pag. 257 e Gabelentz *Die Sprachwissenschaft*, pag. 348 a 357.

(**) Esta função psicologica de agente indeterminado é inegavel na lingua portugueza, onde empregamos o pronome *se* junto de todo e qualquer verbo ; em outros idiomas, porem, como nas linguas slavas, o reflexivo junto ao verbo é empregado para indicar um fato, um estado, sem se cojitar do causador.

Podia-se assim admitir o *se* como sujeito, pondo fim a um longo debate e proporcionando um ponto de apoio aos espiritos a quem custa conceber a proposição sem o seu primeiro termo.

Surje porem uma objecção que não deve ser desprezada. Temos um vocabulo que figura de sujeito na frase *fica se aqui com toda a fazenda*. Perfeitamente; mas no ciceroniano *in Italia manebitur* qual é a palavra que exerce o mesmo officio? Ou será aqui sujeito a terminação—*ur* e nada mais?

Pelo historico que fizemos do medial a duvida deixa de subzistir. Considerámos o reflexivo *se* como elemento formativo do medial analitico; não o destacamos do verbo; temos uma oração sem sujeito *gramatical*. A mesma auzencia no exemplo latino: o verbo, na forma medio-passiva, tem o mesmo sentido ativo (medial sintetico).

Achamo-nos, num e noutro cazo, em face dessas orações sem sujeito tão brilhantemente estudadas por Miklosich com um vasto material colhido nas mais diversas linguas.

Para a lingua portugueza cita o autor da obra *Subjektlose Sätze*: *Deus quer que só a elle se ame. Ninguem se deve amar, se não a um senhor tão poderoso* (Paiva, Sermões) e o exemplo, já mencionado por Diez, que se encontra nos *Lusiadas*: *se soa os grandes feitos*. Nós ainda poderemos acrescentar outros, muito importantes por procederem de escritor que timbrava em ser purista: *Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se* (A. F. de Castilho, Vida e Obras de M. Bernardes). Aqui absolutamente não podem ser sujeitos *a Vieira, a Bernardes*; pois não existe regra de sintaxe nenhuma que admita como sujeito um substantivo rejido de preposição. Comparem-se ainda: *Louva se ao deus Termino*, Cast. Fast. I, 149;

dest'arte... se remonta ao Polo e se conquista a luminosa esphera, Cast. ib. 32. A linguagem de um seiscentista, tantas vezes apontada como modelo, oferece-nos destes exemplos: *Uma paço onde se serve a Deus é um deserto edificado*, Vieira, Serm. V, 538; *Olhos com que se vê a Deus*, Vieira, ib. V, 372.

O fato de vir, ou poder vir, um nome ou pronome rejido de preposição dissipa a mais tenue duvida sobre o verdadeiro papel do termo na oração. Não é, nem pôde ser outro—frizemos bem este ponto—sinão o de rejimen. A este criterio decizivo alia-se uma circumstancia não menos digna de nota. Como se sabe, ocupa, por via de regra, o primeiro logar da oração não já o substantivo, mas sim o verbo construido com o reflexivo *se*. Dizemos *aluga-se um palacete*, de preferencia a *um palacete se aluga*; *preciza-se de um criado* e nunca *de um criado se preciza*.

Sem alterar a ordem, variaremos a bel-prazer a palavra que denota a ação, isto é, o verbo, assim como podemos variar o substantivo até o infinito; só um outro elemento o nosso espirito perceberá como constante nesse genero de frases: a *pessoa* inominada, a incognita real ou finjida, de quem a ação necessariamente dimania. Não se trata de oração de verbo impessoal no rigor do termo, nem de sentença existencial ou outra com um termo constante e outro variavel. Ora, sendo assim, a posposição de um substantivo sujeito, obrigatoria, ou pelo menos uzual, em oração principal que não é nem interrogativa, nem exclamativa, nem imperativa, nem intercalada, é uma impossibilidade no dominio das linguas romanicas, e mesmo fora delle, e derrocara tudo quanto de mais elementar se tem estatuido em syntaxe. Não fosse o substantivo o rejimen, que realmente é, e havia de parecer-nos menos forçada, menos retorica, menos enfatica, mais corrente, em

suma, outra construção que não a dos citados *aluga-se um palacete, precisa-se de um criado*. E si primitivamente o substantivo foi de fato o sujeito, como parece ter sido junto a verbos tranzitivos, tambem nessa epoca andava necessariamente anteposto ao predicado; mas desde o dia em que a sua posição se fixou depois do verbo, fixou-se tambem a sua função de objeto *.)

Poder-se-ia, á primeira vista, supor que a posposição fosse determinada pela exigencia da clareza, isto é, para evitar a confusão com o sentido reflexivo. Mas esta maneira de explicar deixa na mais escura sombra o caso do substantivo preposicionado, e não repara que, para os demais empregos do pronome *se*, a lingua não se socorre de expediente algum que os diversifique da acepção propriamente reflexa. Nem se compreende que, havendo á escolha o antigo pronome *homem* e outros indefinidos, para referir a ação a uma pessoa indeterminada, se valesse a lingua sem metafora, o povo, impensadamente de uma forma embaraçadora e, logo depois, caindo em si, não encontrasse outro meio para corrigir o erro, sinão inverter os termos da oração **.)

A explicação deve ser outra. O fenomeno é comum a muitas linguas; importa procurar a cauza em uma faze muito antiga. Relembremos aqui que a principio a

*) A construção muitas vezes decide do sentido dos vocabulos. Na frase: «Os Japonezes derrotaram os Russos», a simples colocação indica qual o sujeito e qual o objeto. Inverta-se a ordem conservando-se as palavras e obter-se-á o sentido contrario. Veja-se o cap. *L'Ordre des Mots em Bréal. Sémantique*.

***) A esse emaranhado de hipotezes, que não se coadunam com a historia da lingua, leva o gosto, embora sincero, de defender outra hipoteze, a do *se* apassivante tão repizada, que tem passado por doutrina boa. Postulado para uns, e para outros um dogma, não admira que leve um estudioso a citar: «*Por tudo isto se admira Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se*» e depois oferecer-nos desta enigmatica explicação:

«A que veio a preposição *a* no segundo membro, quando faltava no primeiro! Observe-se a colocação do *se* e reconhecer-se-á que a prepo-

fôrma reflexiva (ou média) coexistiu com a ativa, emquanto que a passiva não se conhecia ainda.

Ações praticadas por seres humanos não podiam ser enunciadas pela linguagem sem a indicação do agente. Quando, porém, o agente humano era desconhecido ou não convinha mencioná-lo, a linguagem servia-se deste expediente: personalizava o objeto si era ente inanimado, e fingia-o a praticar a ação sobre si mesmo. Certa mercadoria, por exemplo, devia ser vendida, ignorando-se o vendedor; dizia-se simplesmente: tal mercadoria vende-se a si propria.

Pouco a pouco, porém, a mera fôrma reflexa em cazos desse genero começou a sugerir a ideia de um agente humano indeterminado. Não foi preciso alterar profundamente o enunciado; mas o substantivo, que até então figurara na categoria de sujeito, teve de abandonar este posto e passar para o logar de objeto, que já agora lhe era designado. O pensamento não comportava dois agentes; a ação de vender não podia ser praticada por certa pessoa e, ao mesmo tempo, pela propria coiza.

Bréal explica aquella primitiva faze, em que ainda se desconhecia a voz passiva, deste modo: «As linguas indo-européas apresentavam a frase sob a fôrma de um pequeno

zição surdiu para tirar ao *se* posposto ao Bernardes a força reflexiva objetiva e imprimir-lhe a de particula apassivante.»

Como si a preposição *a* não tirasse por sua vez ao Bernardes a função (ou força) de sujeito. E' coiza de syntaxe rudimentar. Teriamos pois um apassivamento sem sujeito como resultado da intrincada manobra.

Não seria melhor fazer logo uzo do passivo sem complicações nem recursos de segunda e terceira ordem, formado com o auxiliar *ser* e o verbo principal no participio passado?

E o mais bonito de tudo é que o Sr. O. Motta está equivocado: o primeiro membro tambem tem a preposição *a*. O trecho devia ser citado assim: Por tudo isto se admira *a* Vieira (e não *se admira Vieira*); a Bernardes admira-se e ama-se. Veja-se A. F. de Castilho, Padre Manoel Bernardes, Exercícios etc., 1865, Vol. II, pag. 285.

Logo, quanto á elucidação que nos havia sido dada, ficará naturalmente o dito por não dito.

drama em que o sujeito é sempre agente. Ainda hoje, fieis a esse plano, ellas dizem : «O vento ajita as arvores... O fumo sobe ao céu... Uma superficie polida reflete a luz... A colera cega o espirito... O tempo passa depressa, etc. Cada uma dessas propozições contém o enunciado de um ato atribuido ao sujeito da frase. (*)

Estes exemplos são instrutivos. Devia, porém, o autor da *Sémantique* acrescentar que frases como «*Les grands poids se transportent mieux par la voie maritime*» estão precisamente no mesmo caso. Aí a fórma, decididamente reflexa, é sem duvida um vestijio do sentir antigo.

E' preciso acautelar-nos contra certas tezes gramaticais nunca demonstradas. Uma opinião duvidosa, pelo fato de correr de boca em boca, ainda não constitue verdade axiomática. A meu ver, na frase citada (e *mutatis mutandis* nas outras que não vale a pena de aqui reproduzir) tanto se póde enxergar a idéia passiva *Les grands poids sont transportés mieux par la voie maritime*, como a idéia ativa *On transporte mieux les grands poids par la voie maritime*.

Demais, analizar indiretamente, por meio de substituições, é dar azas á fantazia. O sentido até póde variar conforme a construção: em portuguez, *vende-se este livro* significa que a obra é vendivel, emquanto que de um trabalho vendavel diremos antes: *o livro vende-se*. Outras vezes transparece bem a concepção primitiva do sujeito agente, do pequeno drama, a que acertadamente Bréal se refere, e a transformação em voz passiva daria um absurdo. Tal é o caso nestas frases: *O vidro quebrou-se á toa; o navio perdeu-se; a nuvem desfez-se; a ilusão dissipou-se; a pedra desprendeuse da montanha e precipitou-se pelo vale abaixo (**)*

(*) Bréal, *Sémantique*, no cap. *Acquisitions nouvelles*.

(**) Levianamente se interpretará aí a idéia passiva: foi desprendida, foi precipitada. Em resposta podia-se aventurar esta pergunta: E quem foi que desprendeuse e precipitou a pedra? Mas Deus nos livre de penetrar no santuario de tão peregrina intelligencia!

Naquellas frases, dissemos nós, em que é de uzo por o substantivo, a ação é psicologicamente atribuída a ente humano que não podemos ou não queremos nomear, emquanto que o substantivo se acha degradado ao papel de rejimen ou paciente.

Si esta doutrina é verdadeira, o processo muito cedo se estendeu a verbos que demandavam um rejimen indirecto. Encontramos, de fato, a confirmação já na lingua latina: *invidetur præstanti florentique fortunæ* (Cic); *non par-cetur labori* (ib.); *nemini nocetur*; *dubitatur de fide tua*; *invi-detur potentibus*; *de re tua agitur*; *resistitur audaciæ hominum*.

Para exprimirem pensamentos analogos, tiveram as linguas-filhas aí traçada a norma, substituindo (veja a pajina 169) a forma medio-passiva, que desapareceu, pela forma media ou reflexiva, mantendo porém nesta o mesmo sentido ativo que era indicado em latim. Torna-se assim intelligivel a existencia dos nossos *trata-se*, *fala-se de* (ou *em*), *pen-sa-se em*, *reziste-se a* e muitissimos outros dizeres semelhantes, de que se serviram em larga copia João de Barros, Vieira, Bernardes, Herculano e Castilho.

Consequencia natural da transformação do sujeito em objeto é a desnecessidade da concordancia: o verbo, quer intransitivo quer transitivo, tenderá a ser uzado uniformemente no singular, ainda quando o nome esteja no plural. De fato, em francez se diz: *il se trouve des royaumes*, discordando, em construções analogas, sempre o verbo do substantivo; o hespanhol exprime-se assim: *muy pocos reynos se halla*; e o italiano não se peja de dizer semelhantemente: *del suo legno se fa ottimi pettini*; *quivi ore e .campane* (ambos os nomes no plural) *non s'udiva*. Os gramaticos hespanhoes reconhecem a correção das frases do reflexivo *se* com o verbo no singular acompanhado de substantivo no plural: «Quando la sentencia (a 3.^a pessoa do singular

com *se*) toma el carácter de impersonal, se coloca el verbo en el singular, y lo que es objeto de su acción, va regido de la preposición *á*, verbi gratia: *se atropella á los desvalidos; se detesta á los malvados.*» Salvá, *Grammatica*.

Do portuguez porém não se pôde afirmar que tenha realizado o progresso das linguas irmãs: na linguagem literaria, pelo menos, o verbo continua em parte prezo a uma terminação já agora inutil; a fórmula acha-se em estranho atrazo, comparada com a evolução do sentido, e em flagrante contradição com o que regularmente se uza quando o objeto é prepozicionado. Diz-se corretamente: *louva-se ao deus Termino; adora-se aos idolos*, mas: *adoram-se os idolos; admira-se a Bernardes e a outros escritores*, mas: *admiram-se os escritores*.

A persistencia da concordancia com o objeto, onde não a estorva a presença de uma preposição *), explica-se pelo contajio: é devida á influencia de frases de verbo pronominal com sentido manifestamente reflexivo. A' mesma causa podemos attribuir o não nos decidirmos a acompanhar o hespanhol no uzo do pronome pessoal atono em: *se me busca á mi; se nos pregunta á nosotros por el correo; se le enterró; se lo cercó de solidas murallas; se le ha muerto*; ou o italiano em: *lo si loda* (couza diferente de *egli si loda*). Acrece ainda que para o fato de em portuguez preferirmos dizer *cercou-se (ella)* a *cercou-se-a*, *reduz-se (ele)* a *pó a reduz-se-o* contribuiu sem duvida a circumstancia de serem as fórmulas *elle, ella* uzadas como simples acuzativos ainda muito tempo depois de se estabelecer o uzo da

*) Existem mesmo, em escritores apreciados, exemplos de verbo no singular, como: *ajuntou-se tambem a estas differenças as tomadias que os nossos fizeram*, Barros. Dec. 1, 6, 1; *primeiro se nota... os perigos*, ib. 3, 2, 1; *com outras obras se consegue... estes nomes* ib. 1, 9, 2. Mas estes cazos constituem insignificante minoria quer na linguagem literaria em geral, quer na linguagem de um mesmo autor. Não autorizam o uzo da discordancia; porém provam que quem assim escreveu já devia ter o sentimento de rejimem com relação ao substantivo posposto.

fôrma reflexa para indicar o agente indeterminado (*desar-
marem elle, deixarei elle* etc. são linguajens comuns nos can-
cioneiros, Demanda do Santo Graall e outros).

Das bazes até aqui lançadas chegamos finalmente ás
seguintes regras praticas para a lingua portugueza :

1ª Quando não queremos ou não podemos mencionar
quem pratica a ação, servimo-nos do verbo na forma re-
flexiva, collocando-o no principio da oração.

2ª O verbo é uzado na 3ª pessoa do singular, quer
esteja acompanhado de objeto indirecto, quer de objeto
directo precedido da preposição *a*. Si porem o rejimen
directo não tiver preposição e se achar no plural, o verbo
irá igualmente para o plural, por falsa concordancia.

3ª O uzo da forma reflexa para denotar agente desco-
nhecido não é applicavel aos verbos já de per si conjugados
com o reflexivo. Neste cazo será necessario lançar mão de
outro expediente (*a gente queixa-se, ou queixamo-nos* e não
queixa-se-se ; servimo-nos e não *serve-se-se*.)

4ª A forma reflexiva não admite para objeto as formas
pronominais *o, a, os, as*.

Vejamos agora o valor de alguns argumentos talhados
para defender esse idolo a que chamam *se* apassivante.

Houve durante muito tempo relutancia em aceitar
na liguação litteraria os populares *é-se, está-se*, mas desde
o seculo passado a hezitação tende a desaparecer. Castilho,
no teatro de Molière, põe tais modos de dizer até mesmo na
boca de personajens que não costumam exprimir-se incor-
retamente : *quando se é desprezado ingratamente, creio ser um
dever honroso o procurar fugir*, Tart. 65 ; *é-se acaso obri-
gado a pagar foro em metro ás deusas do Parnaso ? se não se
é, não se deve andar sem arte e veia a versar*, Misanthr. 122 ;
aqui, sr. Paneracio, está-se optimamente, Sabichonas 89. Nas

obras de Garrett, de Camillo e de Ramalho Ortigão são frequentes os exemplos.

Teem alguns attribuido o *é-se*, o *está-se* á influencia do *on* francez; mas o engano salta logo aos olhos, mal nos acuda á mente esta reflexão: é o povo, e não os escriptores, quem mais uza daquelles modos de dizer; ora o povo de Portugal nada ou quazi nada sabe da França e sua lingua. Será, pois, quando muito, um cazo de vulgarismo ou plebeismo... portuguez, calcado sobre locuções conjeneres do falar patrio.

A' mesma cauza exotica procurou-se filiar a tendencia popular, assaz acentuada entre nós, de dizer e escrever *vende-se cazas* por *vendem-se cazas*; e a mesma objecção cabe nos, mutatis mutandis, fazer ao cazo.

Nossos pintores de taboletas e letreiros não se recrutam de entre os conhecedores do idioma de Zola e Daudet; alguns delles—fato muito curiozo, mas não menos provado—ainda soletram com esforço as proprias palavras da lingua nacional. A influencia franceza foi, pois, completamente nula nesses milhares e milhares de *aluga-se carros*, *compra-se moveis*, etc. etc. Achamo-nos diante de uma tendencia natural, espontanea; no sentir do povo não se comprehende porque se deva concordar o verbo com o objeto. De mais, os primeiros individuos afetados de um mal importado de terra estranha devem ser os que se acham mais em contacto com elle; ora as pessoas que continuamente manuzeiam livros parizienses são justamente aquellas que menos vezes empregam o verbo no singular em cazos semelhantes aos exemplos citados.

Os Portuguezes não tinham necessidade de transpór os Pyreneus e inspirar-se em um pronome indefinido estrangeiro. Possuiam elles proprios o pronome *homem*, nada inferior a esse *on* francez que mais tarde devia ser

o bode expiatorio da pouca sagacidade dos gramaticos. No dominio do portuguez antigo floreceu tal pronome, e com vantagem, ao lado de formulas com o reflexivo *se*. Por fim foi-lhe desaparecendo a vitalidade e na era quinhentista succumbia de todo afogado pela expansão do pronome *se* que, como vimos anteriormente, já então se uzava quer com verbos tranzitivos, quer com os intransitivos. Si o nosso pronome indefinido fosse coiza imprescindivel, si para a manifestação do pensamento sentissemos necessidade de nos acostarmos, de algum modo, a elle, com certeza a lingua não o deixaria extinguir-se tão pronta e tão facilmente e, com maioria de razão, não iria buscar seu equivalente no estrangeiro. A forma reflexiva estendeu-a o povo a certos modos de dizer com que ideologos e gramaticos antipatizam; mas isto havia de dar-se fatalmente, quer existisse o idioma francez, quer nunca tivesse existido.

Tem-se dito que a nossa forma reflexiva se identifica com a voz passiva. Apesar das restrições que todos concedem, que são forçados a conceder, tenho a afirmação por leviana, a começar pelos exemplos banais com que a esteiam. *Aluga-se esta casa* e *esta casa é alugada* exprimem dois pensamentos, diferentes na forma e no sentido. Ha um meio muito simples de verificar isto. Coloque-se na frente de um predio um escrito com a primeira das frases, na frente de outro ponha-se o escrito contendo os dizeres *esta casa é alugada*. Os pretendentes sem duvida encaminham-se unicamente para uma das cazas, convencidos de que a outra já está habitada. O anuncio desta parecerá superfluo, interessando apenas aos supostos moradores, que talvez queiram significar não serem elles os proprietarios. Si o dono do predio completar, no sentido hypergramatical, a sua taboleta deste modo: *esta casa é alugada por alguém*, não se perceberá a necessidade da declaração e

os tranzeuntes desconfiarão da sanidade mental de quem tal escrito expõe ao publico.

Admitir um sentido passivo é admitir a possibilidade de um agente ou «complemento de cauza eficiente» tanto oculto como expresso. E', pelo menos, por essa razão que se invocam, em favor da hipoteze: reflexivo igual a passivo, alguns exemplos plauziveis na apparencia. Contradizem-se, todavia, os que argumentando se prevalecem de tais passagens; porque, de duas uma: ou não se deve, segundo sentenciavam, empregar a «particula apassivadora» com agente claro, e portanto desconfiaremos dos cazos em contrario; ou então a regra nada vale, e estamos autorizados a imitar afoutamente os exemplos com que agora se vem argumentar.

Escrevemos hoje: *este livro é lido, é lido por todos, todos lêem o livro*. Podemos igualmente dizer: *lê-se este livro* ou *o livro lê-se*. Ninguem porem dirá: *o livro lê-se por todos*, por ser linguagem simplesmente incorrecta. Neste particular parecem, entretanto, estar em conflito com a syntaxe actual expressões antigas em que um curiozo phenomeno linguistico requer o seu esclarecimento. As preposições *de, per (por)* indicavam, entre outras relações, a de cauza eficiente dos verbos passivos, e a de meio ou instrumento dos verbos ativos, quer fosse definido o sujeito destes, quer não o fosse (forma reflexiva). O instrumento ou meio é geralmente um ente sem vida, mas por vezes considerava-se como tal—e este é o ponto importante da questão—um ser animado, uma pessoa ou coisa personalizada. Assim devemos interpretar esse exemplo de João de Barros: *castiga Deus as mais das vezes os christãos por (=por meio de) christãos de má vida e costumes abominaveis e torpes* (Paneg. 25). Da contiguidade das noções *cauza e instrumento* ou meio, e da coincidência de prepo-

zições para exprimir-as se geraram provavelmente as seguintes linguagens, que hoje só por superstição deixaremos de considerar defeituosas: *mar . . . que só dos feios phocas se navega* (Cam. Lus. I, 52); *primeiro se nota* (no singular!) *per os mareantes . . . os perigos do mar* (J. de Barros, Dec. 3, 2, 1). Correto seria, abstração feita do verso camoneano, *mar que só os feios phocas navegam* ou *que só dos feios phocas é navegado*; *primeiro notam os mareantes os perigos do mar* ou *primeiro se tornam notaveis aos mareantes* ou *são notados dos mareantes os perigos do mar*.

Sente-se bem que o pensamento, em qualquer daquelles dois exemplos, não se acha enunciado nem pela ativa, nem pela passiva, nem pela reflexiva; o que ali ha é um pouco de tudo isso. Por maior que fosse a veneração por todas as coizas que em tempos idos se escreveram, difficilmente alguém hoje, tendo a escolha, hesitaria em preferir outra linguagem. Em geral se evitam—e isso não data de hontem—torneios em que as preposições *de* ou *por*, indicando uma das mencionadas relações, poderiam dar logar a frases de sentido obscuro ou ambiguo.

João de Barros e Camões, e os illustres escritores que depois vieram, foram estranhos a essa preocupação doentia que acarreia, por força da indole da nossa lingua, o uzo do pronome *se* exclusivamente com verbos tranzitivos. Já aludimos ao fato quando recordámos certos modos de dizer latinos; mas para intelligencia do que adiante se vai expôr, despido das roupajens da fantazia, convem firmar aqui a atenção ao menos em alguns dos exemplos mais conspicuos: *é fraqueza desistir-se da cousa começada*, Cam. Lus. I, 40; *não se procede mais na demanda*, J. de Barros, Dec. I, 10, 1; *ficaram todos tão contentes que não se tratou mais na successão do novo rei*, J. de Barros, ib. I, 10, 2; *na cruz morre-se uma só vez, no Sacramento morre-se cada dia*

Vieira, Serm. V, 560; *as palavras são vans; creia-se em cousas*, Cast. Fast. I, 157; *a nympha... parte aos gritos, que, alvorotando o bosque, a turba espantam. Acode-se em tropel*, Cast. ib. I, 49; *foge-se* (= todos fojem ou tudo foje) Cast. ib. I, 131; *trata-se de salvar o imperio*, Herc. Eur. 74; *vive-se à luz da esperança*, Herc. ib. 135.

Guinda-se inquestionavelmente um nome-objeto á altura de nome-sujeito com a troca, nem sempre habil ou exata, de um *ama-se* (a alguém ou alguma coiza) pela fórmula *é amado*, assim como para o mesmo fim se transmuta da ativa para a passiva qualquer verbo tranzitivo acompanhado de seu objeto direto. Mas substituir não é analisar; e ou se faz a analize das fórmulas tais quais se apresentam, deixando de parte os possiveis equivalentes estilísticos, ou a gramática não existe.

Nem é somente enganozõ o processo da substituição, é tambem precario; a sua applicação falha desde que se ligue a verbos de outra natureza o mesmo pronome *se* sem lhes alterar o sentido. Basta comparar o que resulta da applicação do succedaneo da analize na primeira e na segunda hypothese: lá, produz frases até certo ponto simples e naturais; aqui gerá monstros. Quais serão os equivalentes, as dições puras e belas em que se rezolvem, com ajente definido, as orações *sic itur ad astra, vitam vivitur, resistitur audaciae*, e, pela passiva com o verbo *ser*, os portuguezissimos exemplos ha pouco mencionados? *E' fraqueza de existir-se* será... *é fraqueza ser de existido?* *Morre-se na cruz* será... *é morrido* (ou morto?) *na cruz por alguém?* *Foje-se* equivalerá a *todos fojem* ou a... *é fujido?* *Fala-se de, trata-se de* serão para identificar com... *é falado de, é tratado de por alguém?* Ficam aí as reticencias para que fantazias bem fecundas preenchem, cada qual a seu sabor, todas essas vagas com os competentes sujeitos. A linguistica rigcroza, a psicologia, a

gramatica com sua analize positiva, e emfim, o senso comum, emudecem desta feita. Eu por mim confesso, não perceberia o sentido de tais estranhos dizeres; si de fato existem, devem ser profundamente sibilinos.

Ao absurdo a que somos chegados conduz a frajil teoria apassivadora submetida a um raciocinio estritamente lojico. Ladear a consequencia, ou recorrer a processos que variem conforme as eventualidades, para explicar e acomodar á voz passiva cazos os mais rebeldes, é sofismar uma doutrina já sofismadora de per si. Imaginemos a seguinte parataxe: *nesta terra grita-se e trabalha-se; faz-se tudo e em tudo se desfaz; vive-se emfim miseravelmente e na miseria se morre*. Tão perfeito é o paralelismo das fórmias verbais tendo o reflexivo *se*, como o é o paralelismo da noção de atividade expressa por essas mesmas fórmias. O sistema da analize ha de portanto ser um só; não podemos admitir dois pezos e duas medidas.

Inadmissivel é igualmente um criterio duplo para a interpretação das fórmias verbais daquella bellissima passagem: *destarte se remonta ao Polo e se conquista a luminosa esphera*, extraida das obras de Castilho, e que traduz o *sic petitur caelum* de Ovidio (*), pensamento sublime e significando o mesmo que o virjiliano *sic itur ad astra*. Do confronto destes trez exemplos rezulta, para o raciocinio são e izento de preconceitos, a percepção clara desta verdade: em latim, a *fôrma passiva* (ou antes medio-passiva) vem exprimindo, sem definir, sem mencionar o sujeito, uma noção de *atividade* extra-ordinariamente intensa, a mais intensa talvez de que possa a humana creatura ser capaz; enquanto que em portuguez foi enunciada *pela fôrma reflexiva* a mesmissima ati-

(*) Em *petere caelum*, como em *petere castra*, *petere naves*, o verbo não tem a acepção de pedir, mas sim a de ir ou eucaminhar-se para algum logar.

vidade, o mesmo esforço e energia, a mesma negação absoluta de uma condição passiva. Por outras palavras: *formas não-ativas* (passiva em latim, reflexiva em portuguez) tem *significação ativa* nos verbos sem sujeito.

M. SAID ALLI.

O ensino de historia na Escola Normal

O ensino de historia na Escola Normal do Distrito Federal compreende a Historia geral (Antiga, Media, Moderna e Contemporanea, segundo as divizões classicas) e a Historia da America.

A este vasto assunto dá o Regulamento apenas dois anos de oito mezes e meio letivos cada um, com 3 horas de aulas por semana no primeiro (Historia geral) e 3 no segundo (Historia da America).

A insuficiencia absoluta deste tempo é manifesta, ao menos para a Historia geral. Com effeito não é de todo possivel fazer um curso particularizado, siquer regular, de Historia geral, compreendendo a antiga, a da idade media, a moderna e ainda a contemporanea, e no curtissimo prazo de oito mezes e meio, com trez lições de uma hora por semana, e com um programa, qual o vijente, que abranje toda a materia, ainda nas suas linhas secundarias.

Esse programa, entretanto, é organizado pelos respectivos professores, um dos quais é o signatario destas linhas, e posso assegurar que é dado em todos os seus pontos. Mas a organização desse programa, assim como a sua execução, obedece a prescrições regulamentares e a habitos tradicionais, que não deixam ao professor iniciativa alguma, antes o constroem a seguir uma rotina que lhes é, a mim ao menos, odiosa.

Em tempo, procurando reagir, organizei um programa, ainda certamente defeituozo, mas que ao me-

nos apontava na sua minucia a determinar, a precizar as exigencias da cadeira e evitar-lhe a prolixidade inutil e a verbozidade nociva. Na sua sabedoria o Conselho Superior de instrução publica municipal entendeu rejeital-o e á ultima hora apresentei o programa atual, cujos defeitos sou o primeiro a reconhecer.

Mas como um programa de estudo vale pelo modo por que é executado, o mal deste o procuro remediar conforme me dita o meu conhecimento da materia e a minha experiencia de professor.

Em todo cazo julgo indispensavel modificá-lo, e o farei em tempo oportuno. Mas não basta uma modificação do programa.

Confesso não ver nenhuma razão para um estudo especial da Historia da America, como é feito na Escola Normal. Essa historia, estudada apenas em alguns dos seus momentos e em globo, como os da conquista e colonização, rejimen colonial e finalmente periodo da formação nacional, podia ou melhor devia ser um capitulo apenas da Historia geral, na epoca moderna.

Aceita esta modificação, o estudo da Historia podia ser dividido pelos dois anos em que é feito da maneira seguinte :

2.º ano (do curso da Escola): Historia antiga e da Idade media—Noções sumarias, sempre acompanhadas de indicações geograficas, das mais antigas civilizações do Oriente Classico. Estudo, apenas mais desenvolvido, porem identico, da Grecia e de Roma, não servindo o estudo dos acontecimentos historicos sinão de baze ao da historia da civilização, instituições, costumes, cultura, etc. e papel e influencia desses povos na civilização geral.

O mesmo criterio dirijiria o estudo da idade media, feito somente dos fatos capitais, ligados oralmente em aula pelo professor, e dos resultados mais notaveis e apurados da historia da civilização nessa epoca.

3º ano (do curso): Historia da idade moderna e contemporanea até 1870-71 e Historia da America.

O criterio pedagogico seria o mesmo, um minimo de historia descritiva ou narrativa, comprehendendo apenas os grandes acontecimentos, servindo de base á historia da civilização nesse periodo, pondo-se no devido relevo o seu carater, progressos, aquisições, etc.

A Historia da America, em vez de ser estudada como é hoje, desnecessaria e inutilmente, pela de cada uma das grandes regiões americanas, o seria em globo, de um modo geral. Primeiro os descobrimentos e conquistas, depois o regimen colonial com suas divisões e instituições, finalmente a formação das nações americanas. Este criterio impõe-se com tanto mais força quando resulta do da propria natureza do assunto. Com efeito, nada mais parecido, no que importa realmente saber, do que um aspeto da historia da America com outro aspeto, assim a conquista do Mexico com a do Perú, a independencia da Venezuela com a da Argentina. As linhas gerais de umas não diverjem em nada das de outras, e o estudo pode, e, para ser racional, deve ser feito de conjunto. Meia duzia de pontos e uma de lições, si tanto, bastariam para isto.

Nem o estudo da historia numa Escola Normal primaria ou secundaria elementar, como é a nossa, e são todas as do Brazil, aponta a dar ao educando, futuro mestre escola, um conhecimento particular e exato, embora perfuntorio, da historia. Tanto mais que na escola primaria não se ensina historia geral.

Não mira, nem deve mirar outra coiza que dar-lhe um conhecimento geral, e tanto quanto possivel exato, do desenvolvimento da humanidade no tempo e no espaço, estudado, visto e apreciado nas suas grandes linhas, isto é nos fatos capitais, no estudo, forçosamente rapido, dos povos que nelle mais influiram e como influiram, na determinação e descriminação das grandes

epocas historicas, e dos seus caracteres, cauzas e efeitos, pondo-se sempre em evidencia os principais fatores da civilização e os elementos diversos que em cada uma das grandes epocas historicas a constituiram.

Tal é, parece-me, o fim do estudo da historia nas escolas normais, e na nossa portanto, nem se me affigura que possa ser outro, e menos que, organizado como está, possa ser outro.

Apezar dos programas, cumpridos aliás formalmente, o meu esforço como professor foi sempre esse, e lizamente confesso que nunca me importou outro desde que, feitas tentativas para o conseguir, verifiquei que eram vans, e me certifiquei demais que outro objetivo dado ao estudo da historia nas escolas normais não era só desnecessario mas impertinente.

Com efeito o que tais escolas devem procurar é dar aos seus discipulos uma educação intellectual, alem da professional, geral, que lhes esclareça e fortifique a intelligencia para o seu mister de mestres.

O estudo da Historia qual me parece deve nella ser feito basta, a meu ver, para esse fim, no que cabe á historia concorrer para elle.

Sei que o meu alvitre, embora nada tenha de radical, irá afrontar preconceitos e habitos inveterados da rotina pedagogica, sobre tudo daquelles que fazem do nosso ensino elementar de historia um compendio de datas, de fatos de toda a ordem, misturando os somente aos relevantes, de nomes, de anedotazinhas, sem escolha ao menos daquellas que iluminam um fato, uma epoca, um carater.

E' tambem um estorvo ao ensino da historia assim comprehendido e praticado o sistema tradicional do exame de fim de curso, que invariavelmente se cifra num seco questionario de datas e fatos, nomenclaturas, sem nenhum apelo á intelligencia, ao discernimento, á

reflexão e ao que constituiria verdadeiro saber do aluno .

Como quer que seja, a minha experiencia, já não curta, e o estudo que do assunto tenho feito, me convenceram da necessidade de dar outra organização e outra orientação ao ensino da historia na Escola Normal desta cidade.

Divisão do curso em dois anos, sendo no primeiro (2.º do da Escola): Historia antiga e da idade média; no segundo (3.º do da Escola): Historia moderna incluindo a do descobrimento, conquista, colonização da America e formação das nações americanas.

Estudo sintetico e geral dos fatos historicos como base da historia geral da civilização, de modo a fixar bem na mente do aluno menos os particulares que a feição exata, os caracteres, a fisionomia precisa das grandes divisões da historia, das suas principais épocas, fatos capitais, com a compreensão e sentimento da evolução humana.

Isto, creio, pode-se fazer satisfatoriamente em dois anos de curso, maxime si, como é absolutamente necessario, se elevarem as exigencias da idade e de capacidade para a matricula da Escola Normal, onde estão entrando meninas apenas saídas da primeira infancia e que mal sabem ler.

JOSÉ VERISSIMO,
Professor de historia na Escola Normal.

A experiencia de uma estajaria

Terminado o curso da Escola Normal, é de lei fazer-se o que se chama o ano de «estajio», numa das Escolas Modelos que aqui existem. E' aí que mais ou menos sob os conselhos e direção da diretora da escola e ás vezes de uma outra adjunta mais antiga, vai a moça que se formou aprender a ensinar, adquirir a experiencia necessaria para transmitir o que sabe.

A organização das chamadas «Escolas Modelos» não difere essencialmente da de qualquer escola publica municipal.

Como nessas, ha uma diretora e diferentes adjuntas, que sob a vigilancia daquella rejem as diversas classes de que se compõe o nosso curso primario : primeira e segunda classes, cursos medio e complementar.

Nas escolas publicas em geral, a diretora toma conta de uma classe ; o que não acontece nas escolas modelos.

Isso se compreende é necessario, não só porque nellas ha mais classes e mais alunos, como porque havendo entre as adjuntas moças ainda inexperientes, precisam uma vigilancia mais direta, uma direção de todas as horas.

Findo o estajio continuam porém essas moças a chamarem se estajarias até que, ou por tempo de ser-

viço, ou por concurso, possam ser efetivas ou cate-
dráticas.

Este ano, por uma recente reforma, passam a ter
denominação de estagiarias de primeira classe, enquanto
que antes do exame são chamadas de segunda classe.

Tive que fazer, como todas, o meu estajio. No fim
do ano prestaria o exame de «prática escolar» pe-
rante uma comissão de pessoas que são julgadas
para isso competentes: o Diretor da Instrução Mu-
nicipal, os professores de pedagogia da Escola Normal,
o Diretor da mesma escola, o inspetor escolar do dis-
trito.

Consiste este exame numa aula sobre qualquer
ponto do programa do curso primario, tirado á sorte,
dada perante a comissão examinadora.

Conforme o curso ao qual vai ser dada a aula pu-
blica, dura este exame 20 minutos ou meia hora.

Um ano pareceu-me e parece-me pouco para uma
moça que nunca ensinou (algumas nunca estiveram na
escola publica) tornar-se perfeitamente competente de
modo a prescindir depois de direção e conselhos di-
retos no majisterio. Tanto mais que não é um ano e
sim nove mezes que ensinamos a tres cursos diferen-
tes. Comecei, é verdade pelo mais elementar, mas en-
sinei a um curso complementar antes do médio.

Sou uma professora experimentada? Ainda não,
sem duvida.

Mas apesar de tudo, não foi nula a soma de espe-
riencia que juntei durante esse tempo. Sem duvida
muita iluzão, muita crença que a pedagogia teorica
tinha posto no meu espirito teve que ser varrida. A
educação na escola já não é a panacéa que eu imaginava,
para todos os males da educação na familia e insufi-
ciencias individuais dos educandos. Quando entrei
pela primeira vez na minha classe ia com a cabeça

cheia de ensino individual, conhecimento exato do carater do aluno, etc. Muitas dessas ideias passaram.

E' preciso dizer que essa primeira aula foi dada com um pouco de medo. Eu não sabia bem como entrar em comunicação com elles. E' preciso que haja um conhecimento mutuo para que o ensino seja proveitoso.

Os meus alunos, principalmente na primeira classe, eram da mais humilde e ignorante esfera social. Muitas vezes os meus esforços foram contrariados com recados vindos das familias. As lições de leitura, espiçadas e tomadas em geral, na pedra, não contentavam. Era necessario que cada um levasse uma lição passada para estudar em casa. Quando principiei as primeiras lições de somar, a maior parte delles appareceu-me com uma pequena taboada impressa, que foi preciso retirar-lhes das mãos, para impedir que, em vez de prestarem atenção á explicação, tratassem de decorar, sem mais, a tal taboada.

Mas eram geralmente bons, quero dizer obedientes, não malcriados para comigo, respeitosos. Talvez porque sentissem ou vissem a confiança que eu tinha na sua obediencia. Pouco acciados, sim, eram muito, mas não me admirou nada isso. Apesar dos conselhos disfarçados dados sobre fórmula indirecta de preceitos gerais, da revista passada todos os dias, a maior parte delles esquecia-se dos cuidados do aceio e apresentavam-se menos limpos. Sem contar com as mãis que fazem promessas a santos de sua devoção de deixar os filhos até grandes de cabelos crecidos e não penteados. Para dizer tudo, deve-se acrescentar que todo o cuidado é pouco no tocante á linguaagem que empregam. Não quero falar dos erros de portuguez, naturais em crianças, mas sim dos que são resultado do meio, da educação; alguns delles uzam ás vezes palavras ou frases baixas, chulas. Havendo na mesma escola, na classe, outras crianças de outro meio, outra educação,

é um trabalho, que tive muitas vezes, impedir e proibir que nella se dissessem taes palavras.

As professoras tem de cumprir um programa e mesmo nas classes elementares ha um horario determinado. Cumprir esse horario estritamente não é sempre possivel na primeira classe. A mestra tem que estar sempre em pé, vendo um, vendo outro, impedindo que dois conversem, prendendo a atenção de todos. Nos primeiros dias, muitos, pequeninos ainda, que vão pela primeira vez, choram, coitadinhos! e enquanto os consolam, os maiores, mais habituados, aproveitam para conversar abertamente. Mandam ás vezes para a escola crianças de 6 anos e menos, que nada pôdem fazer na classe, a não ser brincar. Si a professora quizer obrigar os a trabalhar com os outros pouco conseguirá, e atrazar-se á. Vi uma vez um, na classe de uma outra adjunta, dormindo deitado sobre a carteira. Mas não ha jardins de infancia...

Notei que em geral eram intelijentes, ou antes e digo melhor, espertos, vivos, comprendendo com facilidade, mas esquecendo tambem. Na minha classe, o que mais gostavam era de Historia Natural, saber que a arvore tambem comia, como nós e que morria, e que dentro de nós existem muitos orgãos. Achei-os sempre muito atentos ás noções concretas. Quanto á Historia do Brazil, não os interessava sobremaneira. A não ser sobre os indios, seus uzos e costumes, que talvez os seduziram pela estranheza, não mostraram muito desejo de saber como era o Brazil na epoca de seu descobrimento. Tudo o que era concreto, que elles podiam ver, ou que o professor tornava concreto trazendo uma laranja para representar a terra, uma vela para representar o sol, era por elles muito apreciado e melhor comprendido.

Na leitura tive de lutar com a boa memoria que possuiam. Decoravam as palavras da lição, mas se

depois mostrava-se uma ao acaso, não sabiam responder.

Mas para que se ensina nome e numero dos dias da semana? E' uma coiza que fatalmente elles tem de saber, e que toma á professora duas ou tres lições.

Tudo isto, é claro, refere-se á primeira classe. E' tambem a mais interessante.

Para mim é a mais agradavel, a que gosto mais. Deixei com saudades os meus pequenos alunos. Muitos delles mostraram depois gostarem muito de mim. Acho que a professora que gostar verdadeiramente de crianças terá muito bons resultados.

As outras classes, mais adiantadas, tem talvez menos novidade, são menos interessantes. Nellas já a professora não tem quazi que *educar*; apenas instruir.

Não sei porque sempre achei que ha um pouco de sobrecarga nos programas desses cursos. Parece-me que certas materias são por demais detalhadas. O ensino da escola publica sendo eminentemente geral, pois que ella não prepara para nenhum fim especial, e sim dá uma base para qualquer outro estudo, as noções dadas devem ser gerais tambem. No entanto isso nem sempre acontece; ha minucias inuteis que não fazem senão prejudicar as ideias gerais. Assim tive alunos, já com alguns mezes de tirocinio, que conhecendo cada um dos fatos principais da Historia do Brazil, de per si, não tinham ideia do desenvolvimento da nossa historia. A culpa é tambem um pouco dos livros, que são deficientes em ideias gerais e abundantes em fatos e datas.

E' certo que a professora é quazi tudo na escola. mas não é tudo. O livro não deixa de influir, pois é um guia, uma ajuda para a memoria, principalmente quando o sistema de promoção de classes é o de exames, como aqui acontece.

No curso medio, os alunos geralmente não gostam de ginastica. E' raro encontrar quem nella encontre prazer. As professoras são talvez disso cauza, mostrando ellas tambem pouco gosto por essa aula. Tive que combater essa tendencia derivada principalmente de um falso sentimento de que é ridiculo estar a marchar, a fazer movimentos com os braços, etc. No curso complementar não ha ginastica.

A escola publica hoje é frequentada por gente de todas as categorias. A instrução que ella dá deve ser muito boa, a julgar pelo favor que goza dos pais. Sei de professoras que tem sido chamadas particularmente para ensinar segundo os programas dessas escolas. Nas femininas, porém, nota-se um grande defeito no modo porque é ministrado o ensino no curso complementar. E' que viza, principalmente, preparar para a Escola Normal, isto é, descarta em geral as partes do programa que não tem applicação immediata á admissão nessa escola.

É isto, parece-me, um grande inconveniente, pois desnatura a função propria á escola primaria.

F.

Adjunta de 1.^a classe.

A questão da Educação Militar

II

CURSOS PREPARATORIOS

Art. 35—Incumbe, cutrosim, ao congresso, mas não privativamente:

1º—Velar na guarda da Constituição e das leis...

2º—Animar, no paiz, o desenvolvimento das letras, artes e ciências...

3º—Criar instituições de ensino superior e secundario nos Estados.

4º—Prover a instrução secundaria no Distrito Federal.

(CONSTITUIÇÃO BRAZILEIRA).

A instituição do curso preparatorio ás escolas do exercito, corajosamente suprimido em momento de grande irreflexão, é hoje uma das nossas mais ardentes necessídades, em materia de educação profissional, porque é o unico meio capaz de recrutar, ao mesmo tempo, bons inferiores e bons officiais para o exercito.

Não se me censure a franqueza do dizer antes de se me saber o valimento do argumentar. Serei laconico e claro, como convem em assunto de tamanha relevancia.

A legislação ora em vigor é duplamente defeituoza: defeituoza, porque fecha de vez as portas das escolas

militares aos desprotegidos da fortuna; defeituosa, porque impõe aos abastados, com decidida vocação, exigências praticas manifestamente impossiveis.

E' como que um majestoso edificio, onde só é possível penetrar pelas aguas-furtadas, viajando em balão, em dia de pampeiro.

Ella só poderia atingir o fim que se destina, e assim mesmo em parte, si o serviço militar obrigatorio e pessoal fosse entre nós uma realidade. Era possível então que os pais e tutores da mocidade permitissem a seus filhos e tutelados, depois do curso ginazial, a pratica minima de seis mezes nos rejimentos, para a necessaria matricula na escola de guerra.

Estando, porém, os nossos batalhões repletos de pessoal inferior, colhido a torto e a direito nas mais baixas camadas da sociedade, de pessoal cheio de vicios e cheio de crimes, qual o pai ou tutor capaz de sujeitar concientemente seus filhos ou tutelados a tão prejudicial contacto, justamente á idade mais perigoza, a da passagem da meninice á mocidade ?

Rarissimos, sem contestação, os progenitores capazes de se atrever a tão difficil quanto perigoza cartada. Isso importa afirmar que, si se não modificar em tempo a legislação actual, a escola de Porto Alegre terá fatalmente que fechar as suas portas, á falta simplesmente de frequentadores. Isto é: não poderemos daqui a pouco recrutar legalmente os officiais do primeiro posto para o exercito.

E' um desagradavel resultado pratico, colhido de modo ingloriozo pela mania supressiva que ultimamente se apoderou de nós, paralizzando-nos a marcha progressista e sabe Deus quanto retardamos o desenvolvimento.

Começamos por suprimir erradamente a escola de aprendizes artilheiros, que reais beneficios podia prestar ao exercito, uma vez organizada com prudencia, segundo

as grandes exigencias tecnicas da arma. Achamos depois gostozissima a dourada mas amargoza pilula, e fomos num crescendo assustador, a ponto de fazermos desaparecer, criminozamente quazi, em meia duzia de anos, a escola de sarjentos, as duas escolas praticas, a escola do Ceará e o curso preparatorio militar. E como si tanto inda não bastara, tanto descuido e irreflexão tanta, começa-se de pregar aos quatro ventos o fechamento, embora temporario, de todas as escolas do exercito, como o unico meio de normallzar os quadros.

Eu não creio absolutamente na realização de mais esse descuido administrativo, sem duvida dos maiores que se podiam inventar, jnstamente na ocasião em que, por toda a parte, mais se procura cuidar da educação intellectual e tecnica dos defensores da bandeira. E si o cito é simplesmente para patenteiar, aos olhos do Brazil intellectual, quão funda nos vai essa criminoza mania supressiva, que invadiu as fileiras do exercito de um modo assustador.

Mas não percamos o fio de argumentar com considerações estranhas ainda que interessantes, voltando de preferencia ao fato, que se impõe, da instituição do curso preparatorio nas escolas do exercito.

Exije-se do moderno homem de guerra uma forte cultura tecnica, que tem por baze, nas multiplas especialidades do *métier*, uma bem orientada cultura intellectual. Sem esta, aquella será uma utopia; como utopia é a unidade de pensar ou a paz eterna entre os homens. E sem escolas militares preparatorias, pelo menos uma, será possivel dar ao futuro academico brasileiro a orientação tecnica e a cultura intellectual necessarias ás exigencias das doutrinas militares superiores ?

Que respondam desapaixonadamente os entendidos.

Quem como eu conhece de perto os cursos ginaziais, a sua pobreza pedagogica, as suas grandes enfermidades morais, poderá bem avaliar da sorte dos moços

que, por força de lei, apóz um curso secundario muito omisso e muito falho, repleto de descuidos de toda a ordem, teem que cursar com applicação e largo proveito á escola de guerra, ciencias mathematicas, ciencias fisicas e especialidades militares.

De duas uma : ou nos exames finais aprovam sem escrúpulos moços incompetentes, e se passa então a ter uma officialidade tambem incompetente; ou então se procede com rigor, antes com justiça, e se não pode atender ás necessidades dos quadros.

Não ha fugir á conclusão : porque quem não possui a minima noção de logariltmos, de series, de quadratura e das funções circulares, jamais que possa bem entender as leis da balistica; os preceitos da topografia, as necessidades da fortificação e as exigencias da artilheria e da mecanica applicada; como quem ignorar por completo as leis da lexicolojia e da syntaxe, os segredos da lingua franceza, as lições da historia e as complicações da geografia, jamais que entenda, como deve, os caprichozos preceitos da tatica, da estratejia, da administração e da historia militar. E os estudantes de hoje, como é publico e notorio, quandó cheios de si viram as costas a um maldito *equiparado*, em teze não teem a minima noção de suas futuras necessidades intellectuais : confundem a divizão de inteiro por fração com a divizão de fração por inteiro ; ignoram a composiçãõ da equação do segundo grau a uma só variavel; teem medo á quadratura do circulo como horror á cubatura da esfera; não rezolvem um triangulo retangulo, nunca ouviram falar em Alexandre, Annibal ou Cezar; não comprehendem uma estrofe dos *Lusiadas*, não traduzem, emfim, uma pajina de Chateaubriand.

São de uma ignorancia a toda a prova. Eu sou testemunha ocular dessa tristissima verdade.

Pois é de gente tal que, por força de lei, se devem tirar os futuros officiais do nosso exercito !

A instituição do curso preparatorio militar sana de vez tão grande mal, poupando-nos fundas e futuras contrariedades.

Mas é inconstitucional a pretensão, dirão os que defendem campo oposito. Fundo engano, repetirei cada vez mais convencido : porque si a nossa Constituição, art. 87 § 2º, diz competir á União a instrução militar superior e tecnica, ella de modo algum quer com isso adiantar se devam desde já banir das escolas militares as diciplinas subsidiarias. Seria uma verdadeira loucura semelhante pratica, sobretudo em nação ainda sem os fundamentais cursos universitarios. Não se comprehende um official de estado-maior ignorando a geodezia, um official de enjenheiros alheio ás exigencias da arquitetura e da estereotomia, um bom artilheiro desconhecendo a mecanica aplicada, um cavalariano ignorante dos preceitos da topografia, um infante emfim sem conhecer, ao menos elementarmente, as leis do calculo e da geometria, disciplinas todas essas que nada absolutamente tem que ver de modo direto com a arte da guerra, que lhe são apenas subsidiarias.

Tão constitucional, pois, é o estudo militar da mecanica como o de aljebra, tanto o da arquitetura quanto o da geometria, tanto o da topografia quanto o da aritmetica. E uma vez que nenhum critico militar entre nós comprehende por ora escolas tecnicas sem o estudo daquellas elevadas diciplinas subsidiarias, bem se poderá tambem não as comprehender sem o estudo das doutrinas preparatorias subsidiarias.

De resto, si aquelle artigo da nossa Constituição diz competir á União a instrução militar superior e tecnica, o art. 35, §§ 3.º e 4.º, afirma de modo iniludivel que compete tambem á União o crear instituições de ensino superior e secundario nos Estados, como o prover á instrução secundaria no Distrito Federal.

Como então dizer-se á boca cheia inconstitucional a instituição do curso preparatorio á nossa escola de guerra ?

Por fim o argumento tecnico—a normalização dos quadros.

E' uma suposição de todo descabida essa de se attribuir só ao curso preparatorio o actual excesso de 2.^{os} Tenentes ás armas combateates do nosso exercito. Essa irregularidade é antes devida a dois outros fatos, ambos sabremaneira conhecidos : ás confirmações impensadas de 1894 e á não fixação de um razoavel limite de matriculas nas escolas do exercito. Si em 1894 fossem apenas confirmados, como o deviam, os officiais com real serviço de guerra, o numero de agregados ter-se-ia reduzido de tres quartos talvez ; e si logo apoz essa irregularidade, então de todo explicavel, se houvesse reduzido quanto possivel o numero de matriculas ás escolas preparatorias, certamente que mais sensivel ainda seria a redução, e nós não teríamos hoje esse espantallo que tanto mal nos ha cauzado.

Institua se, pois, o curso preparatorio, á escola de guerra, reabra-se mesmo a extinta escola preparatoria do Ceará, mas limitando quanto possivel o numero de matriculas: porque assim, com rigoroso exame de admissão no triplice ponto de vista fisico, intelectual e moral, é possivel vir a ter, além de otimos inferiores, uma officialidade ativa, inteligente e forte, capaz de produzir nos momentos dezejados o mais salutar efeito util.

E como tal curso deve antes e acima de tudo ir preparando o joven militar para a sua futura missão, habilitando-o desde logo ás exigencias da carreira, forço é que se lhe dê, não a constituição defeituoza dos tempos idos, mas uma organização pedagogica e tecnica capaz de tão alevantado mister.

O seguinte programa, convenientemente modificado por mão mais idonea, talvez podesse servir a fim tão patriótico. Para elle eu chamo a atenção esclarecida dos nossos lejisladores mais dedicados.

CURSO PREPARATORIO MILITAR

(3 anos de estudo)

1.º ANO :

- 1.ª aula — Aritmetica.
- 2.ª aula — 1.º ano de portuguez.
- 3.ª aula — 1.º ano de francez.
- 4.ª aula — Geografia e Corografia do Brazil.
- 5.ª aula — Dezenho linear.
- 6.ª aula — Rudimentos de balistica, de admnistracão, de diciplina e de hijiene.

Aula pratica — Esgrima de espada e tiro ao alvo com a carabina regulamentar.

2.º ANO :

- 1.ª aula — Aljebra.
- 2.ª aula — 2.º ano de portuguez.
- 3.ª aula — 2.º ano de francez.
- 4.ª aula — 1.º ano de inglez. (*).
- 5.ª aula — Noções concretas de ciencias fizicas.
- 6.ª aula — Noções gerais sobre o armamento e sobre a tatica das armas combatentes.

Aula pratica — Equitação, manejo da lança, tiro ao alvo e esgrima.

3.º ANO :

- 1.ª aula — Geometria e trigonometria.
- 2.ª aula — 2.º ano de inglez.

(*) Dispensa-se o alemão, mas exigem-se o inglez e o hespanhol, linguas americanas, e o francez, lingua indispensavel : o inglez estudado em dois anos, para poder ficar bem conhecido.

3.^a aula — Hespanhol.

4.^a aula — Historia geral e do Brazil, especialmente militar.

5.^a aula — Noções concretas de ciencias naturais.

6.^a aula — Geometria pratica e rudimentos de topografia.

Aula pratica — Equitação, esgrima, tiro ao alvo ou com o canhão regulamentar, trabalhos de fortificação passadeira e escrituração militar.

Ainda algumas palavras :

O numero de matriculas em cada curso preparatorio jamais poderá passar de cincoenta por ano.

A média geral igual ou superior a seis, em todas as aulas teoricas e praticas, permite a matricula na escola de guerra ; e a média geral inferior áquella dá direito á graduação de inferior, que só será perdida por sentença superior a dois anos, em conselho de guerra.

A extinta escola militar do Ceará póde e deve mesmo ser novamente instituida, sob as bazes precedentes, com o fim nobilissimo de se poder tambem recrutar ao norte do paiz aquelles a quem mais tarde se tem de cometer a defeza da bandeira e o engrandecimento do paiz.

LIBERATO BITENCOURT.

PREZERVAÇÃO DA CRIANÇA CONTRA A TUBERCULOZE

No ultimo Congresso de Tuberculoze reunido em Pariz, um dos asuntos primordiais foi o estudo da prezer-
vação e assistencia da criança.

Depois do discurso de abertura do professor Grancher a 3.^a seção começou imediatamente seus trabalhos ouvindo os relatorios lidos pelos drs. Marfan e Heubner.

O Dr. Marfan lembra que, no homem, a tuberculoze é sempre adquirida, e que, em grande numero de cazos em que ella se manifesta na adolescencia ou na idade adulta, os accidentes não são devidos a um contajio direto, mas dependem, na realidade, de uma infecção que já existia em estado latente desde os primeiros anos, e estuda a questão profilatica. A profilaxia da tuberculoze infantil deve compreender duas partes: a 1.^a, a mais importante, consiste em opôr uma barreira ao contajio; a 2.^a consiste em modificar a organismo dos individuos predispostos, de modo a tornal-os refractarios na medida do possivel.

Como se faz o contajio? As materias que conteem o bacilo de Koch e servem de veículo ao contajio são: 1.^o os escarros dos tizicos; 2.^o as excreções provenientes dos focos tuberculosos e que não teem a séde nas vias respiratorias: pús dos abcessos tuberculosos dos ganglios, dos ossos, das articulações, do testiculo, etc.; 3.^o o leite dos animais.

O virus pode penetrar no organismo:

1.^o pela mucoza das cavidades da face; 2.^o pela mu-

coza dos pequenos bronquios; 3.º pela mucoza intestinal; 4.º pela pele e suas dependencias; 5.º pelos orgams genitais. Esta ordem indica a frequencia dos diversos modos de contajio nos primeiros anos da vida, intervindo o primeiro quazi sempre, e sendo o ultimo extremamente raro.

Estes dados permitem estudar os meios a opôr ao contajio. Deve se encarar dois cazos: 1.º aquelle em que a criança não coabita com um tuberculozo: 2.º aquelle, muito mais importante, em que a criança vive em fóco infectado pela prezença de um tuberculozo.

No PRIMEIRO CAZO, será precizo: 1.º impedir o contajio pelo leite; 2.º impedir o contajio pelos escarros, por ocazião das saidas da criança; 3.º impedir o contajio nos cazos de mudança de habitação.

As medidas capazes de satisfazer estas trez indicações applicam-se a todas as crianças sem exceção.

1.º. A PROFILAXIA DA TUBERCULOZE transmitida pelo leite dos bovidios pode ser realizada facilmente.

Basta fazer aquecer o leite até determinada temperatura para destruir o bacilo da tuberculoze que elle possa conter; levar o leite a uma temperatura de 100 graus durante dois ou trez minutos (o leite ferve a 100°,5 mais ou menos), a 85° durante cinco a dez minutos e a 75°, durante meia hora.

Como o bacilo subziste na manteiga, esta deverá ser preparada com leite ou creme pastorizados ou esterilizados.

2.º Dever-se-á vijiar as saidas e passeios da criança para que não contráia a tuberculoze fóra de caza.

Impedir-se-á que ella tenha contacto com pessoas suspeitas; não se permitirá que seja beijada por um desconhecido; impedir-se-á principalmente que brinque com terra nos logares publicos; far-se-á perder o costume de meter

os dedos na boca ou no nariz, e de roer as unhas; logo que voltar para a casa lavar-se-ão as mãos, escovar-se-ão as unhas com agua quente e sabão; renovar-se-á esta limpeza antes de cada refeição.

3.º Quando uma familia mudar de habitação, o chefe deverá procurar saber si a nova residencia não alojou um tizico. Na afirmativa, antes da mudança, o chefe da familia tomará as medidas de desinfeção necessarias.

SEGUNDO CAZO: *A criança coabita com um tuberculoso.*
—Deve-se aqui distinguir dois cazos: aquelle em que o doente tem um foco tuberculoso *fechado* e aquelle em que o doente tem um foco tuberculoso *aberto*. Somente no segundo oferece o doente perigo do contajio. Eis as principais precauções a tomar.

1.º Para evitar o *contajio immediato*, o tizico reduzirá suas relações com as crianças ao estricto necessario. Estas permanecerão o menos possivel no quarto do doente; serão daí afastadas completamente á noite; e, principalmente não se deitarão nunca na mesma cama.

Para evitar o contajio pelas poeiras liquidas lançadas pela tosse, pelo espirro, pela palavra em alta voz, o doente deverá habituar-se a pôr a mão ou um lenço diante da boca todas as vezes que tossir ou espirrar, a falar baixo e a certa distancia da criança que se procura preservar. Fará frequentes lavajens antisepticas da boca e limpará muitas vezes as mãos.

2.º Para evitar o *contajio mediato* o tizico deverá expetorar em uma escarradeira de bolso, contendo certa quantidade de liquido antiseptico. Essas escarradeiras devem ser todos os dias lavadas com agua quente ou desinfetadas com uma solução de soda. Não devem nunca ser esvaziadas no lixo ou nos pateos e jardins. Todos os utensilios de meza que serviram a um tizico deverão ser pas-

sados na agua fervendo depois de cada refeição. As mesmas medidas applicam-se a todos os objetos que serviram a um tuberculozo.

3°. Si estas prescrições forem rigorosamente observadas, bastarão para garantir a profilaxia da tuberculose. Mas como podem ser cometidas infrações a estas regras será necessario completal-as com as seguintes medidas :

Sempre que fôr possivel, *substituir-se-á a varredura* pela lavagem com pano molhado; desinfetar-se-á em seguida esse pano pela imersão na agua quente ou em uma solução antiseptica.

O quarto ocupado por um tizico será saneado pela penetração prolongada da luz solar, pelas limpezas frequentes e pelas desinfecções feitas com intervalos regulares. Si o apozento é pequeno, difficil de arejar e de assoalhar, impossivel de limpar-se bem, em um palavra, si é insalubre, deverá ser abandonado e a familia se alojará em melhores condições de hijiene.

Na segunda parte do seu relatorio estuda o Dr. Marfan a *receptividade da criaúça para a tuberculooze*. Essa receptividade é principalmente desenvolvida nas crianças descendentes de pais tuberculozos, e é preciso combatel-a energicamente. Premunir-se-á a criança submetendo-a a um rejimen de vida que lhe torne o organismo mais rezistente sendo preferivel que a educação do predisposto seja feita no campo. Si for obrigado a rezidir na cidade, deverão leval-o frequentemente para beiramar, si for um torpido; para a montanha, em lugar bem resguardado, a cerca de mil metros, si se trata de um excitado.

Estas estadias na montanha ou no mar, ou simplesmente no campo, convirão especialmente ás crianças convalescentes de sarampo, coqueluche. Não se deve descurar de tratar como convém a hipertrofia das amigdalas e as ve-

jetações adenoides, principalmente acompanhadas de adenopatia cervical ou traqueobronquica.

Ha cazos em que são inaplicaveis as medidas precedentes. Dever-se-á então substituir a profilaxia familiar pela profilaxia social. Para as crianças predispostas devem ser organizadas as colonias de ferias, os sanatorios maritimos, os jardins operarios e principalmente a obra de preservação da criança instituida na França pelo saudoso professor Grancher.

A Simplificação da ortografia

Sumario — Letras dobradas; caso das letras nasais. O valor de *s=z*. O *g* e *h* iniciais. Regras gerais da simplificação, quanto ao vocabulário latino. Conclusão.

Quando passamos da consideração das letras e grupos gregos para o elemento latino, a questão reduz-se aos termos mais simples.

Não ha nem — uma das regras propostas que não tenha sido mais ou menos, parcialmente adotada pelos mais autorizados escritores do seculo findo.

Apenas, uma, a do uzo das letras *geminadas* ou *dobradas*, sem embargo de ilojico e desnecessariamente complicado, ofereceu longa resistencia aos inovadores de todas as epocas.

As letras *geminadas* ou *dobradas*, entretanto, foram constante orijem de erros e incongruencias na ortografia uzual.

Nos periodos mais antigos da lingua ocorriam as vogais dobradas : *doo*, *leer*, *veer* que ao depois se contrairam em *dó*, *lér*, *vêr*. A primeira tendencia foi, consequentemente, a da simplificação das vozes *geminadas*. Era outro uzo antigo o *rr* no começo das dições : *rrazão* ; *rreal* — talvez para distinguir um dos dois valores do *r*.

Si compararmos a doutrina de Duarte Nunes do Lião com a pratica contemporanea podemos avaliar o pro-

gresso da simplificação, a mau grado da tendencia cada vez mais acentuada da latinização da escrita. Nunes do Lião recomendava que se escrevesse *gotta, esgottar, verdette, piparotte, abbreviar, afforar, gibba, aboccanhar, bocca, bagga, cebolla, ollaria e olleiro, mellado, bannir, oppilação, appetecer, cappa, mocettona, (*)*.

Queria ainda que se respeitasse a geminação das letras em derivação como estas: *secco, secquidão; vacca vacqueiro*.

E' inutil dizer que a mesma ortografia etimologica acabou por não seguir os exajerados conselhos daquelle mestre. Ninguem aceitou as grafias — *bagga, afforar, cappa* que por si mesmas se afundaram no olvido ou merecido desprezo.

Entretanto, a mania da imitação latina levou muitos incautos a cometerem erros indesculpaveis : (*matto e matta, collossal e collosso, sollicitar e sollicito, innundar, anniquilar, ommitir, sèllo* etc.) na convicção de que estavam com as verdadeiras fontes e ainda hoje aparecem exemplos tais apadrinhados por escritores de merito.

Qual a conveniencia, pois, de conservar um uzo que entre os latinos como entre os italianos de hoje, tinha verdadeiro fundamento na prozodia, mas que na nossa lingua não existe nem se faz valer, salvo em alguns documentos escritos da literatura classica ?

Haveria comtudo que objectar á reforma da Academia o radicalismo extremo da simplificação proposta.

A geminação de letras nazais faz-se sentir na pronuncia. E' certo que basta ás vezes uma letra nazal para nazalisar as silabas convizinhas (*plano plãno*) mas uma vez que se sente a nazal na silaba anterior conviria represental-a como fazem os espanhoes por *n* escrevendo : *immortal, connum*. Generalizando este prin-

(*) *Op. cit.* pgs. 155, 158, 160—170.

cipio devíamos escrever : *inmenso*, *commando*, *ennevoar*, *anno*, *annual*.

Creio que esta modificação será aceita mais tarde, mas não é essencial nem indispensavel.

Outra modificação que poderia de ser adotada de futuro seria a da conservação do *s* com o valor de *z* quando entre vogais, como é de uzo na ortografia mais geral.

O valor de *sz* nunca desaparecerá, qualquer que seja a reforma feita, na ligação das palavras (*tres horas*, *dois entes*, *homens impios*) e esse valor comum não só ás linguas romanas, como ainda á ingleza e á alemã. E', pois, uma singularidade a simplificação que propuzemos e que não acha talvez exemplo em nem—uma das linguas cultas.

Alem disto, o *s* terá sempre o valor igual ao do *z* no final das silabas, pois não ha, entre nós pelo menos, quem distinga pela pronuncia—*nós* de *noz* e *triste* de *trizte*—o que prova não serem tão distintos, quanto se afiguram ser, os sons *s* e *z*; e poderiam, pois, ser representados, como foram sempre, pela mesma letra *s*.

Não falamos aqui da vantagem da moderação que deve caracterizar todas as reformas que envolvem resistencia a habitos antigos : a letra *s* é tão assidua quanto é rara a letra *z* que aliáz não é genuinamente latina.

Estas reflexões parecem-me fundadas ; entretanto a simplificação neste cazò, ainda que foi radical, facilitou enormemente a escrita e poz um termo ao resto de reminiscencias latinas que inconvenientemente estão a sugerir alguns neografos de hoje com a ortografia *ês* em *mês*, *português* etc.

Foi excelente o principio que adotou a Academia de respeitar as letras iniciais *g* e *h*, quando aquella foi

transformada em *j* no meio das palavras e esta, no mesmos cazos, suprimida. Foi excelente, dissemos, porque convinha estabelecer um limite á extensão da reforma e desde logo se percebeu que convinha fazer concessão a uzos já inveterados que não seria facil destruir com simples razões de lojica ou de mera coerencia, mais faceis de presupor que de realizar.

As demais alterações propostas como as das terminações agudas em *az*, *ez* etc., a dos ditongos ou letras nazais *ão*, *ã*, já tinham tal ou qual fundamento na variedade de uzos que sempre acompanhou a ortografia dos nossos escritores brasileiros e portuguezes; não merecem conseguintemente, exame circunstanciado.

As regras adotadas, (excluidas as que formulamos a propozito das letras de orijem grega), foram as seguintes :

1. O *h* medio será suprimido. Será conservado quando inicial : *inabil*, *inerente*, *coerente*, *compreender*. Porem : *homem*, *hoje*.
 - a) Será ainda conservado nos grupos *lh*, *nh*, pois teem neste cazo prozodia especial e inconfundivel : *lhano*, *palha*, *senhor*, *lenha*.
2. O *g* medio será sempre substituido por *j*. Será sempre conservado, quando for letra inicial. Exemplos: *viajem*, *imajem*, *rejen-te*. Escrever-se-á, porém: *gelo*, *gente*.
3. As letras geminadas ou dobradas serão substituidas pela letra simples: *abreviar*, *adição*, *efeito*, *agravar*, *beleza*, *aparecer*, etc.
 - a) Estão excetuados os cazos dos *ss* e *rr* que teem som distinto de *s* ou *r* simples. Assim, escreveremos *carro*, *morrer*, *massa*.

b) Por aproximação, simplifica-se o grupo *mn*; dano, condenar.

c) Conserva-se o grupo *cz* si estas letras soarem distintas: *sucção*, *secção*.

Deve, porém, escrever-se: *distinção*, *extinção*.

4. As terminações *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz* serão assim escritas si são agudas: *rapaz*, *convez*, *matiz*, *retroz*, *alcaçuz*.

a) Adota-se a terminação em *s* nas vozes graves ou nas agudas do plural: *pás*, *pés*, *avós*, *nós*, *vós*, etc.

5. As variações *am*, *an*, *ão* das dezinencias nazais serão regularizadas com as seguintes regras:

a) Nas terminações tónicas ou agudas, emprega-se o ditongo *ão*: *são*, *farão*, *amarão*.

b) nas terminações atonas, *am*: *orgam*, *fizeram*, *disseram*.

c) Correlativamente as nazais *ã* e *an*, observam-se as mesmas regras; *ã* para a terminação aguda: *irmã* *manhã*; ou *an* para as terminações atonas ou graves: *órfan*, *íman* (1).

6. Suprimem-se na escrita as letras que não existem na pronuncia das palavras:

a) suprime-se o *s* do grupo *sc*: *ciencia*, *cepticismo* (*scepticismo*); *crecer*, *nacer*.

b) o *ph* ou *p* em salmo, *tizica* (Veja-se o que dissemos a proposito das letras de origem grega).

(1) Alguns lexicografos e gramaticos portuguezes mandam pronunciar *imán*, e neste caso, a grafia preferida é a do *ã imã*.

- c) a primeira letra quando fôr muda dos grupos *pt, ct, pc, cç*: cativo (captivo), escultura (esculptura), exato (exacto), ato (acto), ação (acção).

A estas regras ajuntou-se a declaração de que nem uma simplificação seria proposta provizoriamente quanto aos nomes próprios pessoais e geograficos. (1)

Não nos parece que seja duvidoso ou problematico o exito desta proposta de simplificação.

Dentro de pouco tempo, estará de tal fôrma vulgarizada que o que se nos antolha agora demaziado ou excessivo deixará de excitar a critica ou reparo.

Habitos e preconceitos por mais arraigados que sejam quando não se fundam na razão, ao cabo de algum esforço são extirpados e vencidos. (2)

A Medeiros e Albuquerque devemos a iniciativa e o ardor com que propugnou por esta reforma; á Academia devemos a autoridade com que a amparou, autoridade contestada como todas as autoridades da terra, mas certamente a unica que temos.

JOÃO RIBEIRO,
Da Academia Brasileira.

(*Continúa*).

(1) Não é verdade que tenha a academia conservado o *y* das palavras tupis.

(2) Estavam já escritas estas linhas quando o Sñr. Ministro do Interior, da Justiça e da Instrução, o dr. Tavares de Lyra, mandou que nos exames do Ginazio Nacional se tolerasse a ortografia adotada pela Academia de Letras. Foi um ato de esclarecida justiça que mais uma vez comprovou o criterio e amor com que tem aquelle ministro tratado dos interesses da instrução publica.

ECOS E NOTICIAS

Bachareis em commercio.--A universidade de Birmingham conta prezentemente duas duzias de estudantes candidatos ao bacharelado commercial e oito que já obtiveram esse grau.

Acaba de ser criado um conselho consultivo de comerciantes e industriais destinado a colaborar com os professores da Faculdade de Commercio. Sua função é dupla: facilitar a aos novos graduados a entrada na carreira e realizará o contrato entre a Universidade e a vida pratica.

O professor W. J. Ashby caracteriza assim o ensino commercial superior: 1.º combinar a cultura geral com um preparo definido e systematico para os negocios; 2.º ocorrer, em particular, ás necessidades dos estudantes que se destinarem a carreiras em que necessitem de alguns conhecimentos tecnicos.

O culto dos antigos no Japão.--A propozito da lição de abertura sobre a *Educação no Japão*, curso iniciado em Londres pelo barão Kikuchi:

O culto dos antepassados no Japão é a baze de toda a educação. O mote é--«Louvemos agora os homens illustres e nossos pais a quem devemos a vida.» Esse culto não cessou, desde os tempos mais remotos até os nossos dias, de ser o meio mais eficaz empregado para formar o carater nacional.

A introdução da civilização ocidental, despojada do maravilhoso, não teve, coiza assombrosa, efeito apreciável sobre esse piedoso espirito de veneração. Para um japonês, os nomes dos antepassados estão sempre presentes a todos os acontecimentos de sua vida.

O efeito desse ensinamento é evidente : si um moço é educado com a ideia de que será um dia um antepassado venerado profundamente pelas gerações futuras, elle se esforçará por moldar a sua vida por esse idéal. O barão Kikuchi caracteriza assim a civilização de seu paiz :

«O espirito japonês servido pela ciencia ocidental.»

O sistema metrico na Inglaterra.—Por 150 votos contra 118 foi rejeitado na Camara dos Comuns, em sessão de 22 de Março, o projeto de adoção do sistema metrico no Reino Unido.

Defendeu vigorosamente o projeto o Sr. Strauss, que apresentou uma petição assinada por 16.637 pessoas e fez sentir as anomalias e excentricidades do presente sistema inglez de pesos e medidas. Existem, por exemplo, cinco pesos diferentes com o nome de *stone*, para pesar chá, canhamo, vidro, carne e... gente.

O ministro Lloyd George subiu á tribuna para combater o projeto.

A maior parte do commercio de exportação da Inglaterra, disse elle, se faz com o Extremo Oriente, os Estados Unidos e as colonias inglezas, que não empregam o sistema metrico, de maneira que adotar novo sistema seria fazer cessar a inferioridade em que se encontram seus concurrentes estrangeiros em tais paizes.

Essa é uma das razões sérias pelas quais os commerciantes ou industriais do Reino Unido são em maioria hostis á mudança proposta. E ainda ha outras : de ha cem anos para cá o commercio tem tido um extraordi-

nario desenvolvimento em extensão e complexidade; as despesas e as perturbações que resultariam da adoção de outros pezos e medidas seriam, pois, enormes: eis porque a opinião não está apta para a introdução de um sistema cuja simplicidade e excellencia é aliaz reconhecida por todo espirito esclarecido.

Os estudantes estrangeiros nas Universidades alemans. — O numero de estrangeiros, matriculados nas Universidades da Alemanha durante o ultimo semestre de inverno, elevava-se a 4.151, formando quazi a decima parte do total dos estudantes. Distribuiam-se do seguinte modo pelas diversas Universidades: Heildelberg, 1.189; Berlim, 1.190; Leipzig, 662; Iena, 186; Hoenigsberg, 134; Munich, 496; Halle, 254; Friburgo, em Brisgau, 164; Göttingue, 160; Strasburgo, 96; Giessen, 84; Greifswald, 43; Marburgo, 60; Wurtzburgo, 674; Breslau, 77; Tubingue, 59; Bonn, 88; Erlangen, 28; Rostock, 13; Kiel, 11; Munster, 11. Desses estudantes eram 1.890 Russos, 680 Austriacos, 340 Suissos, 302 Americanos, 144 Inglezes, 139 Bulgaros, 113 Aziaticos, 83 Rumanios, 61 Servios, 58 Francezes, 57 Holandezes, 53 Luxemburguezes, 47 Gregos, 40 Turcos, 33 Italianos, 32 Suecos e Norueguenses, 23 Hespanhóes, 19 Belgas, 13 Africanos, 11 Australianos, 9 Portuguezes, 5 Dinamarquezes, 11 Montenegrinos.

Os docentes privados na Austria—Ao passo que o numero de estudantes em medicina diminue cada ano na Faculdade de Viena, aumenta rapidamente o dos docentes privados. Em 1905 contavam-se cerca de 100 professores e 160 docentes privados (contra 58 e 66 em 1890).

Grande numero desses docentes privados não se consagram nem ao ensino, nem a trabalhos scientificos,

e só veem no seu título um meio de angariar boa clientela.

Para pôr cobro a esse abuso, a congregação dos professores propõe tornar mais difícil a agregação, só apresentando á nomeação ministerial os candidatos que tiverem obtido dois terços dos votos em vez de simples maioria.

Outras medidas foram lembradas; mas como o corpo dos docentes privados é o viveiro do professorado, a única medida eficaz a tomar contra seu crescimento, é um exame mais serio dos títulos e das habilitações dos candidatos.

As escolas na floresta.—As escolas florestais estão muito em voga na Alemanha. A primeira dessas escolas data de Julho de 1904 e foi aberta na floresta de Charlottenburgo. A escola florestal tem um duplo fim, o fim pedagógico e o fim higiênico. Os fatores higiênicos são a permanencia nos bosques, ar puro, a influencia do calor e da luz, alimentação apropriada e o descanso em estação horizontal em *halls* especiais. Pedagogicamente os alunos devem ser instruidos de modo a hobrear com os seus condiscipulos da escola popular e da mesma idade.

A escola abre-se em maio e fecha-se em outubro. As lições duram meia hora. Cada hora de trabalho intellectual é seguida de dez minutos de recreio. A questão de alimentação é rigorosamente estudada. A comida é sobria e sadia. A's oito horas um prato de sopa e um pãozinho com manteiga, ás dez horas uma ou duas chicaras de leite com fatias de pão com manteiga; ao meio dia almoço que consta no minimo de 100 grams. de carne e 200 grams. de legumes; ás quatro horas leite e pão com manteiga; ás seis e meia, sopa de aveia com pão ou *pudding*. Este rejimen tem dado os melhores resultados.

Educação popular em Oxford.— Ha já alguns anos creou-se em Oxford um colejio destinado a estudantes operarios com aptidões especiais e estofo necessario para se tornarem deputados operarios ou administradores de sindicatos e cooperativas.

Chama-se *Colejio Ruskin* esse estabelecimento que mediante 15 francos por semana, instrúe, alimenta e dá roupa lavada aos estudantes operarios. De creados, ha apenas um cozinheiro. De oito em oito dias ha uma eleição dos administradores e uma designação do pessoal de serviço.

Cada um tem de servir a sua vez, prometendo, todos ao entrar consagrar ao menos duas horas ao serviço do colejio.

E' que, sendo estudantes, elles continuam a ser operarios, trabalhadores manuais,

Abaixo do Colejio Ruskin, destinado ao escol, existem classes de correspondencia, que contam 6.500 estudantes pagando um franco e 28 cent. por mez aos seus professores.

O trabalho marcado é de uma hora por dia durante quatro ou seis semanas. Destribuem-se aos estudantes um programa de cada materia ensinada, dividido por semana, contendo indicações de leituras, assuntos de dissertações e conferencias. O trabalho consiste em ler e anotar o manual, ler e anotar obras complementares e redijir finalmente uma dissertação por mez.

Ha reuniões particulares de estudantes; um é escolhido para tratar de um assunto; os outros discutem. Essas classes de correspondencia são uma especie de viveiro, donde saém, com auxilio de subscrições alunos para o Colejio Ruskin.

Esta sabia hierarquia dá á instituição uma forte estabilidade, que maior se torna com o auxilio que lhe prestam as associações economicas.

«O fim da instituição, diz uma brochura de propaganda, é crear em cada estudante o sentimento de responsabilidade. Seus estudos o incitam a elevar o nível de sua classe, e não a sair della.»

Comentando a organização do Colejio Ruskin, escreve a *Revue Pédagogique* :

«Por essas particularidades se julgará da diferença profunda que existe entre essa instituição de ensino popular e as que em França teem o mesmo objeto sem ter a solida organização e o metodo seguro do estabelecimento de Oxford.»

A instrução obrigatoria na Italia—Por ocasião dos congressos escolares de Milão, realizados o ano passado, ficou demonstrada a inobservancia da obrigatoriedade escolar, a despeito dos esforços de seus estadistas.

O ministro Bianchi quiz conhecer as cauzas dessa situação, e dirijiu aos inspetores uma circular com estes quezitos ;

Que determina, em certas comunas, as autoridades e as familias a não velar, como manda a lei, pela frequencia escolar ?

Qual é o estado exato da frequencia ? Levaram-se em conta nos horarios de aulas e fixação das férias os uzos e costumes da população ?

Até que ponto a impossibilidade de adquirir utensilios escolares e de obter uma refeição na escola impede os alunos de fazer todo o curso ? Será possivel fazer com que as municipalidades custeiem essas necessidades e instituam patrimonios para esse fim ?

Qual é a importancia dos refeitórios escolares, municipais ou privados ?

Existem no mesmo local ao lado das escolas municipais outras publicas ou particulares, e qual é a sua natureza?

Existem salas de azilo e como são regulamentadas?

O resultado desse inquerito justificou as apreensões do ministro. Somente num pequeno numero de comunas urbanas ou rurais obteve pleno exito a obrigatoriedade escolar, creando estabelecimentos condignos e mantendo o necessario pessoal docente e dirigente.

Outras mostram boa vontade consagrando um quarto ou mais de suas rendas ao serviço do ensino primario, mas essas rendas são tão restritas que quazi nada aproveitam os sacrificios feitos.

Ha, porém, comunas, e estas são em grande numero, que testemunham a respeito da instrução popular uma perfeita indiferença sinão uma franca hostilidade. As listas de meninos em idade escolar ou sujeitos á obrigatoriedade, quando existem, são mal feitas e não trazidas em dia; ninguem pensa em incomodar e menos ainda em censurar os pais negligentes; para evitar as despezas de um mestre adjunto e de novas instalações não se desdobram as classes muito numerosas, desencorajando assim toda iniciativa de aumento da frequencia escolar.

Emquanto nas rejiões montanhosas, os pobres habitantes pedem ao vigario, a algum sarjento ou aduaneiro reformado para ensinar a ler e a escrever ás crianças, ha habitantes esparsos que não sabem mesmo o que seja uma escola.

E' verdade que a lei italiana reconhece como motivos validos para a não frequencia das escolas, além da molestia, a grande distancia entre as habitações e o centro escolar, bem como a extrema pobreza dos pais.

A despeito de tudo, teem augmentado as matriculas. Nas comunas industriais e comerciais a frequencia é sa-

tisfatoria, ás vezes completa. Nos campos e montanhas é completa no inverno, nula no verão e no outono.

Isto explica como muitos alunos nunca passam da terceira classe.

E como a obrigatoriedade é de trez ou quatro anos, anos que na realidade são apenas semestres, explica-se o analfabetismo espantoso dos rapazes que entram para o serviço militar.

Consta ainda desse relatório que algumas municipalidades votam créditos para socorrer aos alunos pobres, mas que esses créditos teem geralmente outro destino. Os patrimonios instituidos pelo ministro Giannurco em 1897 para auxilios ás Municipalidades, morreram, diz um inspetor, «de morte municipal», isto é foram inutilizados por ellas para não terem despesas com o desenvolvimento escolar que delles deveriam resultar.

O ministerio atual está disposto a proteger os jardins de infancia, estabelecimentos que quazi não existem na Italia meridional, e onde existem estão á mercê das municipalidades.

Eis algumas particularidades do relatório que o governo italiano não vacilou em publicar e que deve ter cauzado surpresa em alguns paizes da Europa, mas não no nosso onde a situação não é diferente... salvo para peor.

No distrito de Benevente o numero das escolas duplicou depois da unificação do reino, mas 74 % dos habitantes não sabem ler nem escrever. Contam-se 300 escolas, mas somente treze teem intalações satisfatorias. Entre 300 professores, 80 teem mais de cincoenta anos de idade. Sómente a metade dos meninos em idade escolar estão inscritos.

Na provincia de Catanzo, devido á grande emigração e aos recentes dezastres da Calabria, a situação é ainda

menos lisonjeira. Ali o analfabetismo vai de 75 a 85 %.

Tal é em traços gerais, a situação da instrução primaria na Italia, a despeito dos beneficios da instrução obrigatoria e dos sinceros esforços dos seus estadistas em atenuar o analfabetismo.

ATOS E DOCUMENTOS OFICIAIS

Nomeações

Foram nomeados :

Norival Cabral Braga para exercer interinamente o lugar de inspetor de alunos do Internato do Ginazío Nacional;

Dr. Raul Leitão da Cunha para o lugar de substituto da segunda seção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro;

Dr. Mario Carvalho da Silva Leal para exercer interinamente o lugar de preparador da cadeira de anatomia medico-cirurgica da Faculdade de Medicina da Bahia;

Dr. Luiz Pereira Navarro de Andrade para exercer interinamente as funções de preparador da cadeira de fiziojia da mesma faculdade;

Arthur Correa Liske para exercer interinamente o lugar de bedel do Externato do Ginazío Nacional ;

Dr. Americo Barreira para o lugar de preparador de odontojia da Faculdade de Medicina da Bahia;

Engenheiro geografo Cyro de Andrade Martins Costa para exercer interinamente, o lugar de preparador de fizica industrial da Escola Politecnica do Rio de Janeiro;

Francisco José Gonçalves para o logar de inspetor de alunos, extranumerario, do Internato do Ginazío Nacional;

Dr. Alvaro Baptista para o logar de delegado fiscal do Governo junto á Faculdade de Medicina e Farmacia de Porto Alegre.

João Paulo dos Santos Barreto para exercer interinamente o logar de inspetor de alunos do Internato do Ginazío Nacional;

Dr. Manoel Francisco Leal Junior para exercer interinamente o logar de lente de clinica oftalmologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro;

Dr. Luiz Pinto de Carvalho, substituto da 12ª seção, para o logar de lente de clinica psiquiatrica e de molestias nervozas da Faculdade de Medicina da Bahia;

Dr. Mario de Almeida e Silva para exercer o logar de delegado fiscal do Governo junto ao Instituto de Ciências e Letras de S. Paulo, durante o impedimento do efetivo.

Exonerações

Foram exonerados :

O Dr. Jonas Corrêa da Costa, a pedido, dos logares de delegado fiscal do Governo junto ao Liceu Cuiabano e de comissario fiscal dos exames preparatorios em Mato Grosso ;

Euclides Augusto Tavares Pinheiro do logar de inspetor de alunos, extranumerario, do Internato do Ginazío Nacional :

Dr. Francisco de Paula Dias da Costa, a pedido, do logar de delegado fiscal do Governo junto á Faculdade de Medicina e Farmacia de Porto Alegre.

Dr. Ricardo Pereira de Faria, a pedido, do logar de comissario fiscal dos exames preparatorios no Estado do Espirito Santo.

Licenças

Foram concedidas as seguintes licenças :

De trez mezes ao Dr. José Mariano Corrêa de Camargo, lente da Faculdade de Direito de S. Paulo ;

De trez mezes ao inspetor de alunos do Internato do Ginazío Nacional, Candido Gomes da Silva Junior ;

De trez mezes ao Dr. Antonio Maria Teixeira, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ;

De seis mezes ao professor do Instituto Benjamin Constant, Miguel Cardoso.

De seis mezes ao Dr. Eduardo Rodrigues de Moraes, substituto interino da 10^a seção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ;

De trez mezes ao bedel do Externato do Ginazío Nacional Pedro Pinto Baptista ;

De sessenta dias ao bacharel Albino Meira Filho, amanuense da Faculdade de Direito do Recife ;

De quatro mezes ao Dr. Joaquim Climerio Dantas Bião, preparador da Faculdade de Medicina da Bahia ;

De trez mezes ao inspetor de alunos do Internato do Ginazío Nacional Alfredo de Queiroz Souto ;

De trinta dias ao Dr. José Bonifacio de Oliveira Coutinho, substituto da Faculdade de Direito de S. Paulo ;

De trez mezes ao bacharel José Piedade, delegado fiscal do Governo junto ao Instituto de Ciências e Letras de S. Paulo.

Acrecimos de vencimentos

Foram concedidos os seguintes :

De 5 % ao substituto da Faculdade de Direito de S. Paulo, Dr. José Ulpiano Pinto de Souza ;

De 20 % ao lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Ernesto do Nascimento Silva ;

De 33 % ao lente do Internato do Ginazio Nacional,
Dr. Sylvio Romero ;

De 20 % ao lente da Escola Naval, vice-almirante
graduado Dr. Francisco Augusto da Silva Bueno Bran-
dão.

Equiparação ao Ginasio Nacional

Ao Delegado Fiscal do Governo junto ao Colejio
Diocezano da Parahyba, recomendou o Sr. Ministro
do Interior, em referencia ao officio de 10 de Fevereiro
ultimo, providencie afim de serem feitas no regula-
mento do dito Instituto as seguintes alterações:

Art. 9. Deve consignar que a segunda época de
exames será na primeira quinzena de Fevereiro.

Art. 11, n. 3. Deve ser eliminado.

Art. 12. Deve igualmente consignar que a inscri-
ção aos exames da segunda época será feita durante
os oito dias anteriores ao prazo marcado para os respe-
tivos exames.

Art. 45. Deve ser assim redijido : De 1 a 15 de
Fevereiro se realizarão os exames para os alunos a
que se refere o art. 11, ns. 1 e 2 e de 16 a 28 os de ad-
missão a qualquer ano do curso.

Art. 51, § 2º. Deve ser suprimido.

Art. 52. Deve consignar que a inscrição aos exa-
mes de admissão se efetuará de 1 a 15 de Feve-
reiro.

Art. 100, § 1º. Deve ser proposto o seguinte : me-
diante inquerito e processo sumario, com recurso, no
prazo de oito dias, para o Ministro.

Art. 100, n. 2. A fraze— boletins mensais — deve
ser substituida pela seguinte : — Boletins bi-men-
sais.

Art. 102. Deve mencionar um professor de histo-
ria, principalmente do Brazil.

Art. 106, ns. 1 e 11. Devem ser eliminados.

Art. 108, n. X. O adverbio— mensalmente— deve ser tambem substituido pelo seguinte : bi-mensalmente:

Outrosim, recomendou-se que providencie a fim de, depois de feitas as apontadas alterações, ser o dito regulamento de novo publicado na folha oficial do Estado da Parahyba, da qual remeterá um exemplar a este Ministerio.

Exames de preparatorios

O Prezidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a rezolução seguinte :

Art. 1.º E' o Prezidente da Republica autorizado a conceder, no corrente ano, uma segunda época de exames aos estudantes de preparatorios, abrindo para isso o necessario credito.

Art. 2.º Revogam-se as dispozições em contrario.

Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 1907, 19º da Republica.

AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENNA.
Augusto Tavares de Lyra.

O Sr. Ministro do Interior declarou ao diretor do Externato do Ginazio Nacional que, tendo sido sancionada por decreto n. 1.692, de 16 deste mez, a rezolução do Congresso Nacional concurrente á concessão, no corrente ano, de segunda época de exames aos estu-

dantes de preparatorios, fica autorizado a organizar mezas para os mesmos exames que começarão no dia 4 de outubro vindouro, sendo abertas as respectivas inscrições de 16 a 30 do proximo mez.

Deu a mesma autorização aos commissarios fiscaes dos exames de preparatorios em todos os Estados da Republica, em Barbacena e Campos, cazo o Governo dos respectivos Estados, por cuja conta deverão ser feitas as despezas, convenham na realização daquelles atos.

Academias e sociedades científicas

Academia Brasileira de Letras

REFORMA DA ORTOGRAFIA

E' este o texto definitivo da reforma ortografica votada pela Academia Brasileira :

«A Academia Brasileira, sentindo a necessidade de firmar uma ortografia para as suas publicações officiais, resolveu organizar para esse fim um vocabulario ortografico. Para isso determinou que na sua elaboração se adotassem as seguintes regras :

REGRA PRIMEIRA—Sempre que se encontrem diversas grafias autorizadas da mesma palavra, escolher-se-á a que melhor se aproxime da boa pronuncia, rezervando-se a Academia o direito de fixar qual a pronuncia que lhe parece boa. Desde logo, porém, d'aí decorrem os seguintes corolarios :

Primeiro corolario :—Os ditongos *au*, *eu* e *iu*, que tambem se esceevem *ao*, *eo* e *io*, devem sempre escrever-se com *u*. Assim : *máu*, *páu*, *chapéu*, *véu*, *partiu*, etc. Nenhuma alteração se fará nas palavras em que o diagrama *io* não constitue ditongo, como em *fio*, *frio*, *rio*, *tio*, *vazio*, etc.

Segundo corolario :—O ditongo *ai*, que tambem se escreve *ae*, deve sempre escrever-se com *i*. Assim : *pai*, *mãi*, *cái*, *sái*, etc.

Terceiro corolario :—As palavras que alguns autores escrevem com *e* e outros com *i* inicial, como *idade*, *igreja*, *igual*, etc., devem sempre escrever-se com *i*.

REGRA SEGUNDA—Eliminar-se-á, por completo, o uzo das letras *k*, *y* e *w*, em todas as palavras portuguezas. Assim as que eram escritas com *k*, serão escritas, ou com *c*, antes de *a*, *o* e *u*, ou com *qu*, antes de *e* e *i*. As que eram escritas com *w*, serão escritas com *v*, conforme o som que tiverem.

Exemplos : em vez de *Kaleidoscopio*, *Képi*, *Kilo*, *Kola* e *Kusso*, escrever : *caleidoscopio*, *quépi*, *quilo*, *cola*, e *cusso* ; em vez de *wormios* e *wigandias*, escrever *vormio* e *uigandias*; em vez de *martyrio*, *mysterio*, etc., escrever *martirio*, *misterio*, etc.

REGRA TERCEIRA—Eliminar-se-á o uzo do *h* no meio das palavras, salvo nos seguintes cazos : 1º quando se tratar dos grupos *ch*, *lh* e *nh* soando como consoantes palatinas : *chamar*, *achar*, *mulher*, *brilho*, *lenha*, *banho*, etc. ; 2º quando se tratar de palavra que seja composta de outra que tenha o *h* inicial.

Assim, pois, que se escreve *honra*, *haver*, *herdar*, escrever-se-á *dezhonra*, *rehaver*, *dezherdar*, etc. Em todos os outros cazos eliminar-se-á o *h* médio : *surpreender*, *aprender*, *distrair*, *tezouro*, etc.

NOTA—A conservação do *h* inicial não obedece, na deliberação da Academia, a nenhum principio especial. Ella reconhece que essa letra devia desaparecer tambem do inicio das palavras. Parece-lhe, porém, util pela frequencia e até pela natureza das palavras em que é uzada, transigir com a sua conservação.

Primeiro corolario :—Nunca se escreverá *ch* com o som duro de *c*. Nos cazos em que tal som era attribuido a esse digrama, será elle substituido ou por *c*, antes de *a*, *o* e *u*, e todas as consoantes ou por *qu*, antes de *e* e *i*. Assim, em vez de *chaldeu*, *chelonios*, *chimica*, *chorografia*, *chromo*, *tech-*

nico, etc., escrever *caldeu*, *quelonios*, *quimica*, *corografia*, *chromo*, *tecnico*, etc.

Segundo corolario : — Nunca se escreverá *ph* com som de *f*. Nesses cazos, substituir-se-á esse digrama por *f*. Assim, em vez de *ortographia*, *philozophia*, etc., escrever *ortografia*, *filozofia*, etc.

REGRA QUARTA — Eliminar-se-á o uzo do *g* com o som de *j*, no meio das palavras : Assim, em vez de *agir*, *legislativo*, etc., escrever *ajir*, *lejislativo*, etc.

NOTA—A conservação do *G* inicial com o som de *J* é tambem uma medida de transição, para não alterar muito o aspeto da escrita. Como, porém, o *J* e o *G* brando são letras que se permutam frequentemente (*anjo*, *angelico*, *geito*, *rejeitar*, etc.), não ha motivo para respeitar o *G* inicial nas palavras compostas.

REGRA QUINTA — Eliminar-se-á sempre o uzo do *s* com o som de *z*, como acontece entre vogais e em alguns outros cazos. Assim, em vez de *rosa*, *casa*, *transigir*, *dezhonra*, etc. escrever *roza*, *caza*, *tranzijir*, *dezhonra*, etc.

REGRA SEXTA— Salvos os cazos em que se empregam os *ss* e os *rr* dobrados, os pronomes pessoais *elle*, *ella* e seus derivados *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, suprimir-se-ão todas as consoantes geminadas.

Em nenhuma palavra, portanto, aparecerão *b*, *d*, *f*, *m*, *n*, *p*. ou *t* duplicados. Os *cc* só aparecerão duplicados, quando o primeiro tiver o som forte e o segundo brando, como em *sucção*, que se lê *suqsão*. Mas, quando ambos soarem do mesmo modo, como em *distincção*, *extincção*, etc., escrever-se-á *distinção*, *extinção*, etc. Só haverá *ll* geminados nas palavras acima mencionadas. Assim em vez de *sabbado*, *prelecção*, *adduzir*, *affeioar*, *agregar*, *alludir*, *immediato*, *inrocente*, *applaudir*, *attencção*, etc., escrever

sabado, preleção aduzir, afeição, agregar, aludir, immediato, innocente, applaudir, atenção, etc.

NOTA—A Academia reconhece que tirando ao *S* o som de *ss* era possível ao mesmo tempo suprimir os *ss* dobrados. Mas as duas modificações feitas ao mesmo tempo interessariam uma tão grande numero de palavras, que lhe pareceu melhor nada alterar no uso do *ss* dobrado. E' assim uma simplificação que se pretera para o futuro. Por outro lado, respeitando a grafia dos nomes proprios, de que propositadamente não tratou, respeitou tambem a dos pronomes pessoais e seus derivados, que sendo palavras de uso muito frequente, são daquellas cujas modificações mais avultam no aspeto de qualquer texto escrito.

REGRA SETIMA — Nenhuma palavra se escreverá empregando consoante que não tenha nella valor. Do grupo *ss* suprimir-se-á a letra *s*. Assim, nenhuma alteração se terá a fazer na grafia das palavras *abdicar, intellectual, acne, flegma, gnomo, recepção, bacteria, optar* e outras, em que as letras *bd, ct, gm, gn, pç, ct* e *pt* soam separada e distintamente; mas, em vez de *activo, anedota, augmentar, alumno, gymnazio, optimo, crescer, theze, sciencia, etc.*, escreve *ativo, anedota, aumentar, aluno, ginazio, otimo, erecer, sciencia, teze, etc.*

REGRA OITAVA — Nunca se começará palavra alguma com *ç*. Assim, em vez de *çapato, como* querem alguns lexicografos, de *çadi, çamarra, çamouco, çarigueia, çorça, çuçuapara, etc.*, escrever *sapato, sadi, samouco, samarra, sari-gueia, sorça, suçuapara, etc.*

REGRA NONA — Nos casos em que os dicionarios admitem a mesma palavra, ora com *s*, ora com *ç*, a grafia com *s* deve ser preferida. Assim, escrever sempre *dansa, bolsa, cansar, bolso, etc.*

REGRA DECIMA — Os substantivos e adjetivos, cuja terminação tónica seja no singular *sz, ez, oz* e *uz*, devem escrever-se com *z* final. O som forte *sz, ez, oz, uz*, e *sz, de*

substantivo e adjetivos, só se escreve com *s*, quando a palavra está no plural.

Nestes termos, nenhuma alteração é feita na grafia uzual dos pronomes *nós* e *vós*, de todos os verbos que nas segundas pessoas se escrevem com *s* e nas terceiras com *z* (*amarás, lés, sentis* e *praz, fez, diz*). A regra só se entende com substantivos e adjetivos. Desde que estes terminem no singular em sílaba forte em *az, ez, iz, oz*, ou *uz*, escrevem-se com *z*. O *s* fica apenas nessas partes da oração para indicar plurais. Assim em vez de *português, francês, cós*, etc. escrever *portuguez, francez, pèz, cóz*, etc. Reservar o *s* final para as sílabas longas dos plurais. Assim escrever *pás, pés, ardís*, etc.

REGRA UNDECIMA— As palavras terminadas no som *ão* ou *ã* longo, empregam a vogal *a* com o til, as terminadas nos mesmos sons com a pronuncia breve terão a vogal *a* seguida de *m* ou *n*. Assim em vez de *manhan, pagan, orfão, amão*, etc., escrever *manhã, pagã, orfam, amam*, etc.

REGRA DUODECIMA — Não se empregará o sinal de sinalafa nas contrações *deste, desta, disto, neste, nesta, nisto, daquelle, nelle, nella, daquella, daquillo, destoutro, aquelloutro*.

Sala das sessões da Academia Brasileira, em 17 de agosto de 1907—*Machado de Assis*, presidente.

JORNAL DA INFANCIA

O CONTADOR DE HISTORIAS

(HISTORIA PARA CRIANÇAS)

Era uma vez um pobre diabo, que tinha tido todas as profissões e não foi feliz em nenhuma. Um bello dia lembrou-se de andar a contar historias ás crianças. Pareceu-lhe uma occupação facil e divertida. Poz-se em viagem e na primeira cidade que encontrou começou a gritar pelas ruas :

—Historias, crianças, historias ! Quem quer ouvir a historia ?

As crianças correram de todos os lados, e o cercaram. Elle começou :

—Era uma vez um rei e uma rainha que não tendo filhos faziam promessas e romarias...

—Oh ! essa já nós sabemos,—disseram-lhe as crianças,—é a historia da *Bela adormecida no bosque*. Outra ! Outra !

—Conto uma outra.

E começou :

—Era uma vez uma menina que tinha a mãe doida e a avó ainda mais doida. A avó fez-lhe um chapeuzinho vermelho...

—Basta ! essa nós sabemos de cór; é a historia do *Chapeuzinho vermelho*.

—Outra! outra!

E o pobre diabo, um pouco aborrecido, começou assim :

—Era uma vez um senhor que tinha uma filha. Morreu-lhe a mulher e elle cazou com uma viuva que tinha duas filhas...

—Ora! E' a historia da *Borrallheira*. Sabemol-a tambem de cór.

E visto que só sabia contar historias velhas, as crianças voltaram-lhe as costas e o abandonaram como um tolo.

Partiu e chegou a outra cidade. Apenas chegado poz-se a gritar pelas ruas :

—Historias, crianças, historias! Quem quer ouvir historias?

As crianças correram de todos os lados e o cercaram. Mas não começava uma historia que lhe não dissessem todas :

Sabemol-a! Sabemol-a!

E visto que só sabia contar historias velhas, voltaram-lhe as costas e o abandonaram como um tolo.

Quando tinha experimentado mais vezes e sempre com o mesmo resultado, o pobre diabo perdeu o animo, e não sabia mais onde tinha a cabeça.

Angustiado, poz-se a caminhar ao acaso sem saber onde o levavam os pés e achou-se no meio de um bosque.

Veio a noite, estendeu-se na herva, embaixo de uma arvore, para dormir; mas não pode fechar os olhos; tinha um grande pavor. Parecia-lhe que as plantas com o barulho da ramagem falavam baixo entre si; que os animais e as aves noturnas, com o seu grunhir e cantar, tramavam alguma coiza contra elle.

O coração batia-lhe forte no peito, e nunca mais que vinha o dia.

A' meia noite em ponto, que viu elle? Viu uma grande luz pelo bosque, e de cada planta surjia gente que ria, cantava e bailava; ao mesmo tempo de todos os lados levantavam-se belissimas tendas e mezas cheias de coizas nunca vistas, que luziam mais que ouro. Pareceu-lhe estar no meio do mercado das fadas e enchendo-se de corajem levantou-se.

Tinha pensado :—As fadas devem vender belas historias, novas em folha; vou tratar de comprar-lhes.

E aproximou-se de uma que vendia roupas de-baixo de uma rica tenda ali perto e disse :—Você tem historias novas ?

—Historias novas não ha mais; perdeu-se a semente.

Pouco convencido com esta resposta foi a uma outra fada que tinha na sua tenda muito mais coizas bonitas do que a primeira :

—Você tem historias novas ?

—Historia novas não ha mais; perdeu-se a semente.

Andou de um para outro lado, observando aqui e ali, e como viu uma tenda que lhe pareceu a mais rica de todas, chegou-se a ella, e perguntou timidamente á fada vendedeira :

—Você tem historias novas ?

—Historias novas não ha mais, perdeu-se a semente.

E esta !

Vendo-o triste a fada lhe disse :

—Sabes, pobre homem, o que debes fazer ? Deves ir procurar o majico *Tre-Pi* que tem armazens cheios dellas.

—E aonde mora esse majico ?

—Lonje, lonje nas matas de laranjais.

Antes de romper o dia a feira acabou. As fadas, as ndas, tudo desapareceu; e o pobre diabo achou-se só

no meio do bosque e não sabia si tinha estado sonhando ou acordado.

Caminhou, caminhou, encontrou um viajante :

—Camarada, sabes dizer onde é o bosque de laranjeiras do majico *Tre Pi* ?

—Anda para diante, anda sempre para adiante.

Caminhou, caminhou, encontrou uma velha :

—Comadre, sabes dizer onde é o bosque de laranjeiras do majico *Tre Pi* ?

—Anda para diante, anda sempre para adiante.

Nunca mais que chegava. Por fim achou o bosque das laranjeiras. Mas era cercado por um muro e só se podia entrar por uma pequena porta guardada por um cão.

—Quem procuras aqui ? perguntou-lhe o cão.

—Procuro o majico *Tre Pi*.

—Saíu; espera.

A' tardinha chegou o majico *Tre Pi*; negro como carvão e com umas enormes barbaças pretas e os olhos negros que faiscavam como brazas.

—Ah! bom majico *Tre Pi*, vais me fazer um favor !

—Fala, que queres ?

—Quero historias novas. Tu tens um armazem cheio dellas, deves dar-me algumas.

—Historias novas não ha mais; perdeu-se a semente. Das que eu tenho tu não poderias aproveitar e de mais eu as guardo embalsamadas. Queres vel-as ?

E conduziu-o até o armazem. Eram todas as historias do mundo, ahi postas em caixinhas á parte, classificadas e numeradas; o majico *Tre Pi* guardava-as elle mesmo para que não lhe tirassem nem uma.

—Não é possivel acharam-se novas ?

— Novas—respondeu o majico — só te poderá dar uma velha fada, a fada Fantazia ; mas não te dará, é o mesmo.

Ella vive escondida e só numa gruta e seria preciso ir em companhia da Bela adormecida no bosque, do

Chapéuzinho vermelho, da Borracheira, do Pele de urso, do Pequeno polegar e outras gentes que tais.

— Porém previno-te que é trabalho perdido.

— Não importa; experimentarei.

— Voltou ao armazem e foi aonde estava a Bela adormecida no bosque :

— Oh ! Bela adormecida, rogo-vos, vinde comigo.

— De boa vontade.

— Oh ! Chapéuzinho vermelho, peço-te, vem comigo.

— De boa vontade.

Oh ! Boa borralheira, rogo-te, vem comigo.

— De boa vontade.

Em suma, elle reuniu-as todas e poz-se a caminho. Ellas sabiam o logar da gruta aonde a velha fada vivia escondida e aí o conduziram facilmente. Bateram na porta.

— Quem é ?

— Somos nós.

A fada Fantazia reconheceu-lhes a voz e veio abrir.

— A que vindes ? E quem é este ?

— Temerario, como te atreves a vir a mim ?

E quiz expulsal-o.

As historias acomodaram-na e expuzeram-lhe o motivo de sua vizita :

— Este pobre desgraçado tinha tentado todos os officios e não fora feliz em nenhum. Porfim fez-se contador de historias ; mas as crianças que já sabem de cór todas as nossas historias, pediram-lhe que lh'as contasse novas e não lhe davam mais atenção. Bela fada Fantazia, anima-o !

— Historias novas não ha mais ; perdeu-se a semente.

— Oh ! Bela fada Fantazia, ajuda-me tu !

Vendo-se rogada com lagrimas, a fada Fantazia apiedou-se :

— Vou e volto.

Entrou na gruta e depois de algum tempo appareceu com um avental cheio.

— Toma, com isto te sairás bem.

E deu-lhe uma estatuazinha, uma melancia de ouro, uma rãzinha, uma cobrinha, tres aneis, emfim tudo quanto tinha no avental.

— O que devo fazer?

— Leva e verás.

Elle agradeceu, todo alegre, acompanhou as historias até a caza dellas e na primeira cidade que encontrou, poz-se a gritar pelas ruas.

Historias, crianças, historias! Quem quer ouvir historas?

As crianças correram de todos os lados e o rodearam. Elle tomou a estatuazinha na mão e começou:

Era uma vez...

Não sabia nada do que devia contar, mas apenas abriu a boca, a historia saiu-lhe numa enfiada como si a soubesse ha muito tempo. E era a historia do *Raio do sól*.

A historia acabada, as crianças logo:

Outra! Outra!

Elle tomou ao acaso um dos presentes da fada que trazia num sacco e começou:

Era uma vez...

Não sabia nada do que ia contar, mas apenas abriu a boca, a historia saiu-lhe como si a tivesse de cór ha muito tempo.

E contou a historia da *Rãzinha*.

A historia agradava ás crianças.

— Outra! outra!

E assim foi indo; não contou menos de uma duzia e isto o divertia ainda mais que ás crianças,

Depois foi a outra cidade.

— Historias, crianças, historias. Quem quer ouvir historas?

E recommençava. As crianças sempre contentes. Porfim eram sempre as mesmas : *Raio de Sól, Rã-zinha, Cavallo de bronze, Cabeça de sapo*,... até que as crianças zangaram-se e apenas elle começava :—Era uma vez—interrompiam-no :

— Sabemol-a ! sabemol-a de cór ?

Que fazer dessas historias agora que as crianças não queriam mais ouvil-as porque já as sabiam de cór ? Pensou ir dal-as ao majico Tre-Pi para metel-as em caixas como as outras historias embalsamadas.

E foi procural-o.

Na porta encontrou o cão de guarda.

— Que vens fazer aqui ?

— Procuro o majico Tre-Pi.

— Está fóra, espera.

A' tardinha, chegou o majico Tre-Pi, negro como carvão com suas barbas pretas e com os olhos a chamejarem como brazas :

— Voltas te ? Que me queres ?

— Nada, bom majico, venho ao contrario dar-te um presente. São historias novas que não tens no teu armazem.

Agora que todas as crianças as sabem de cór, pensei em dar-t'as para embalsamal-as com as outras.

— Tolo ! tolo ! respondeu o majico.

Não vês o que tens na mão ?

O contador de historias olhou : tinha na mão um punhado de moscas !

Foi-se embora aborrecido e de historias não quiz saber mais nada. Porque elle considerou que historias novas não ha mais ; perdeu-se a semente.

Como e porque ella se perdeu sabel-o-eis facilmente quando fordes grandes, meus caros meninos.

LUIZ CAPUANA.

POEZIAS PARA RECITAR

(Dignem-se as mãis e mestras ler a advertencia que sobre este assunto tivemos a honra de dirijir-lhes no nosso primeiro numero).

DEUS !

Por Casimiro de Abreu

Eu me lembro ! eu me lembro ! Era pequeno
E brincava na praia ; o mar bramia,
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse á minha mãe nesse momento :
« — Que dura orquestra ! Que furor insano !
Que póde haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento ? »

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os ceus
E respondeu : — «Um Ser, que nós não vemos,
E' maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão ! Meu filho, é— Deus ! »

Casimiro José Marques de Abreu, poeta fluminense, natural de S. João da Barra, onde nasceu a 4 de Janeiro de 1837.

Faleceu a 18 de Outubro de 1860. As suas obras estão reunidas sob o titulo de *As Primaveras*.

Orquestra, ajuntamento de instrumentos de sopro e corda formando um todo harmonico, mas ruidoso.

Convém explicar mais detalhadamente, citando os principais instrumentos de uma orquestra, violinos, violas, baixos, contrabaixos, flautas, oboés, clarinetas, requintas, trompas, trombones, pistões, etc.

Insano, insensato, louco, excessivo.

Fluminense, filho ou natural do Rio de Janeiro (cidade ou Estado) de *flumen*, rio, em latim.

Aos naturais da cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal, dá-se mais especialmente a alcunha de *Cariocas*, do Rio Carioca, que cortava antigamente a cidade e principalmente lhe fornecia água de beber.

P'ros céus, sinalefa (contração da vogal *a* de *para*, na primeira e última sílaba) por *para os céus*, que tornaria o verso comprido de mais, e portanto, errado.

NECROLOJIA

PROFESSOR J. CATUNDA

Faleceu nesta capital o antigo professor Joakim Catunda, representante do Ceará no Senado da Republica.

Nacido no Ceará, em 1834, o notavel compatriota, matriculou-se muito joven na Escola Militar, cujo curso não concluiu, entregando-se depois ao majisterio publico.

Foi professor de filozofia no Liceu do Ceará, cargo em que se apozentou, e professor de alemão na Escola Militar.

Lecionou particularmente quazi todo o curso de humanidades, provecto, como era em diversas linguas e ciencias — portuguez, e latim, alemão, grego e ciencias naturais, notadamente em botanica, por cujo estudo tinha grande predileção.

Desambicioso e indifferente á gloria, Joakim Catunda não deixou infelizmente de suas capacidades sinão poucos documentos esparsos, entre os quais figura um vigorozo esboço da historia de seu estado natal.

Alheio sempre á politica do passado rejimen, tomou parte na propaganda republicana, e com a proclamação da Republica entrou em plena atividade, representando desde então o Ceará no Senado Federal, posto em que a morte o veio surpreender quazi repentinamente.

Foi um belo espirito que se apagou, e um grande coração que cessou de bater.

Bibliografia

Dezenho Geometrico e Elementar, DR. G. N. DE MELLO E CUNHA, Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1907.—O Sr. Dr. Mello e Cunha, professor da Escola Naval e do Ginazio Nacional, acaba de publicar o seu *Dezenho Ceometrico e Elementar*. E' um grosso volume de mais de 500 pajinas., aprovado unanimemente pela Congregação da Escola Naval, premiado e mandado imprimir pelo Governo. Compreende quatro partes, distintas mas harmonicas. A primeira, a que bem se podera dar filozoficamente o nome de *propedeutica*, expõe ideias geometria essencia á boa compreensão dos assuntos a seguir: está escrita com a precisa sinteze e com a precisa clareza. A segunda parte *dezenho linear á mão livre* trata das *linhas* em geral e das suas variadas *combinações*, rezolvendo problemas dos mais vulgares e dos mais interessantes, e apresentando combinações das mais felizes de modo a educar grandemente o olho e a mão dos que começam. A terceira parte, o verdadeiro dezenho geometrico elementar, cuida do *dezenho linear á mão armada*, isto é, com auxilio de instrumentos. Estes são então descritos cuidadosamente, um a um, da *regoa* ao *compasso de tres pontas*, sendo depois sucessivamente empregados na rezolução de questões relativas á *linha reta*, *angulos planos*, *retas proporcionais*, *circumferencia*, *poligonos*, *curvas usuais* (*planas e reversas*), *concordancia* de retas e curvas, *inscrição* e *circumscrição* das figuras e finalmente

equivalencia das formas mais comuns. Esta terceira parte é a alma do livro, contendo por isso mesmo 300 pajs. de texto. A ultima parte, a dos artistas, trata dos *dezenhos de ornato*, estabelecendo em começo a *simetria* e a *divisão* das formas, a *classificação dos motivos* e a *construção das redes*, para depois entrar na *disposição ornamental*, então estudada na sua triplice forma *raia-da*, em *coróa* e *radiada*, passando por fim á *exposição dos ornatos correntes*, á *partição do plano* e a interessantes *exercícios de aplicação*. Duas taboas terminam o volume: uma para as cordas dos arcos de 10 em 10 graus, outra para as dos arcos de 10 em 10 minutos.

Eu conheço ha dois mezes apenas o autor do presente trabalho, por isso que elle moureja ao meu lado em um dos nossos estabelecimento de ensino. E durante esse pouco tempo tenho observado que elle é um homem rigorosamente diciplinado, isto é, um professor que possui todos os requizitos do *métier* e que cumpre escrupulozamente os arduos deveres da profissão. E tais qualidades didaticas, valiozas, porque raras, eu folgo de reconhecer nas pajinas do *Dezenho*. E' esse um livro que tem clareza, precisão, metodo, ordem, que tem grande valimento didatico em suma. O aluno é levado gentilmente pela mão ao primeiro degrau da ingreme escada, pela mão sobe-lhe os multiplos degraus, pela mão ainda penetra no edificio, onde examina todas as minucias e todas as belezas. Honra a nossa pauper-rima literatura didatica esse preciozo trabalho, naturalmente escrito em uma boa meia duzia de anos de acurado labor. E no genero didatico, apenas um defeito lhe descubro — o não haver sido cartonado. Por que brochar livros que se destinam ás primeiras idades? A Imprensa Nacional, a quem unicamente cabe esse defeito material, bem que podia não deixar sair das suas excelentes oficinas, em brochura, os livros didaticos que imprime. Nesse ponto os americanos nos

dão uma preciosa lição : elles teem a sua encadernação ligeira (groth), que sem desdouro bem podia ser aqui imitada pelos nossos editores e livreiros — *Liberato Bittencourt*.

Livros escolares do Dr. Mario Bulcão — Diretor de colejio, professor, inspetor geral do ensino no Estado de S. Paulo, o Dr. Mario Bulcão é um dos brasileiros que teem maior experiencia e estudo das coizas de ensino, das quais desde muito se vem ocupando com intelijenca e zelo.

São disso prova os seus livros da *Vida Infantil*, dos melhores que temos para a leitura da primeira infancia, na familia ou na escola.

Esses livrinhos, excelentemente editados pela livraria F. Alves, procuram reunir, e, parece-nos, conseguiu, o util ao agradavel, preceito cuja applicação ao ensino, principalmente ao primario, é da maior relevancia. Sob a forma amena e despretencioza de leituras correntes, ensinam a civilidade comum, e dão noções breves e sinjelas, como convem, de hijiene e educação civica, e tambem de agricultura, zootecnia, com geito misturadas com lições morais e outras noções uteis.

Tudo isto faz os livros de leitura do Sr. Dr. Mario Bulcão muito estimaveis, e dignos realmente da adoção que teem tido nas escolas publicas brasileiras, onde, estamos certos, servirão muito bem, não só ao ensino da leitura, mas a vulgarizar na infancia que as frequenta, noticias uteis das nossas coizas, e informações necessarias de aspetos da nossa vida, dando-lhes tambem noções dos seus deveres sociais e civicos, e preceitos familiares de hijiene e civilidade.

Principes généraux d'organisation des armées, pelo Capitão LIBERATO BITTENCOURT, 1907—Rio de Janeiro.

INCONTESTAVELMENTE a Casa Oliveira não tem competidores!! Além de servir com lealdade aos seus numerosos e distintos freguezes, possui um variadissimo e chic «stock» de casemiras e está fazendo os ternos de paletot sob medida, a escolher, a 90\$, de frak 120\$, de sobrecasaca a 150\$, de smoking a 120\$ e calças a 30\$. Possui tambem uma secção de roupas feitas, onde se encontram ternos de paletot a 60\$, calças a 20\$ e capa, toda forrada, a 50\$. Rua dos Ourives n. 83, entre Rosario e Hospicio.

A

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SECUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

desde a sua fundação em 1897 até 31 de Dezembro de 1906, pagou sinistros, no valor de cerca de

Rs. 7.000:000\$000

SENDO QUE, D'ESTA AVULTADA SOMMA MAIS DE

Rs. 2.000:000\$000

FORAM PAGOS ANTES DE TERMINAR O PRIMEIRO ANNO DE SEGURO

Para explicações sobre planos, premios, etc., dirigir-se ao Departamento dos Estados do Sul, Avenida Central, esquina da rua da Alfandega, ou a qualquer corretor da Sociedade.

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

134, RUA DO OUVIDOR, 134 — RIO DE JANEIRO

OBRAS DO DR. JOÃO KOPKE

SERIE RANGEL PESTANA

Primeiro livro de leituras moraes e instructivas.....	1\$500
Segundo " " " " " " "	2\$000
Terceiro " " " " " " "	2\$000
Quarto " " " " " " "	3\$000
Quinto " " " (Florilegio).....	4\$000
Leituras Praticas.....	1\$500
Fabulas em verso.....	1\$500

DR. ARTHUR THIRE'

Cartilha Infantil.....	\$500
Arithmetica dos principiantes	1\$500
Geographia Elementar..	2\$000

ARNALDO BARRETO

GRADUAÇÃO METHODICA DE LIVROS PARA O ENSINO RAPIDO E PROGRESSIVO DA LEITURA ELEMENTAR

Cartilha das mães.....	1\$000
Primeiras leituras (edição colorida).....	2\$000
Primeiro livro de leitura (serie Puiggari-Barreto).....	1\$500
Segundo " " " (" " ")	2\$000
Terceiro " " " (" " ").....	2\$500
Quarto " " " (" " ").....	no prelo
Leituras Moraes.....	1\$500

MIGUEL ALVES FEITOSA

Grammatica das Escolas — Periodo elementar.....	\$800
" " " " med o	1\$500
" " " " superior	2\$000

JULIO RIBEIRO

Grammatica Portugueza — Nova edição cuidadosamente revista.....	3\$000
Holmes Brasileiro.....	1\$000

Elementos da Grammatica Latina

Por um professor do Gymnasio.....	2\$000
-----------------------------------	--------

RAMON ROCA

Arithmetica Escolar (collecção de 6 cadernos) cada um.....	\$500
" " (Liv. o do mestre).....	4\$000

BARRETO — ROCA

Atlas (collecção de 6 cadernos para o estudo de Cartographia) cada um...	1\$000
--	--------

Noro Methodo dz Calligraphia Brasileira.

Collecção de 5 cadernos, cada um.....	\$200
---------------------------------------	-------

B. P. R.

Leitura Manuscripta	1\$500
---------------------------	--------

B. R.

Dezenho — Serie preparatoria (collecção de 4 cadernos) cada um.....	\$200
---	-------

CARLOS REIS

Cadernos Brasileiros (para estudo de dezenho).....	1\$500
--	--------